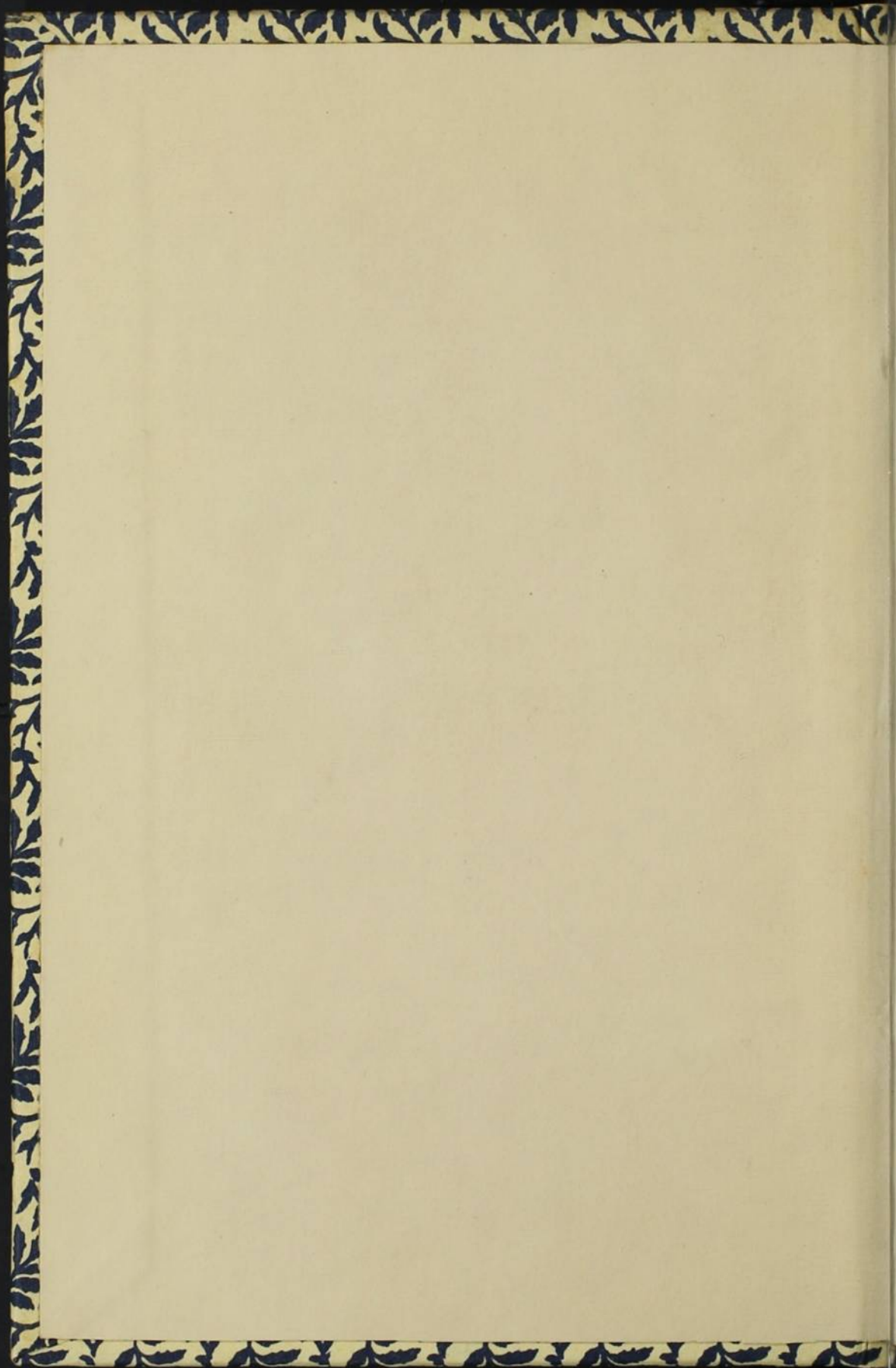


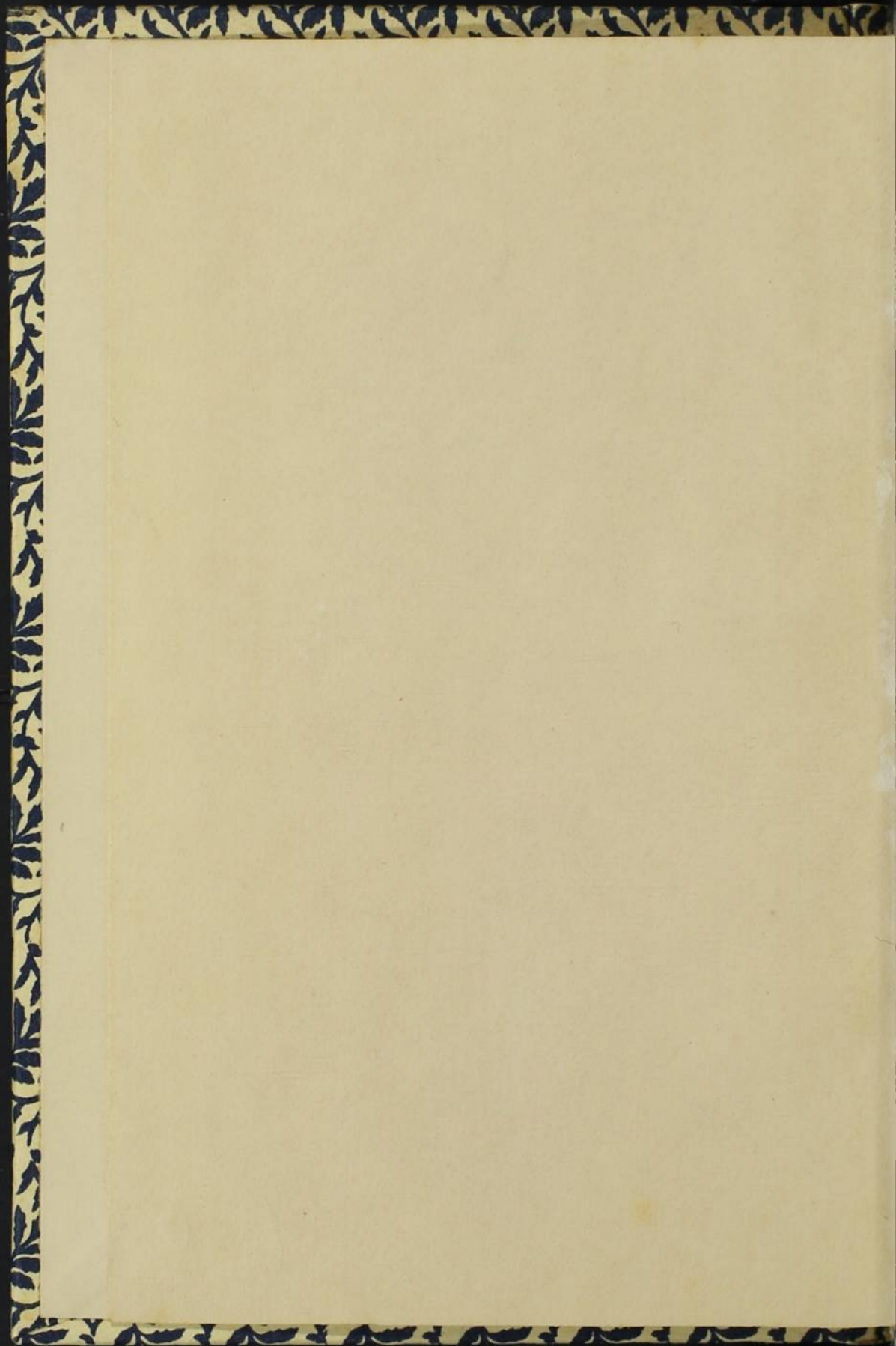
CLOVIS BEVILAQUA
E
JOSÉ I. MARTINS JUNIOR
Revisado
VIGILIAS LITTERARIAS
1979

163 O



P
10870

B
23
C
1630



VIGILIAS LITTERARIAS

POR

Cloris Benilagua

E

José Sidero Martins Junior

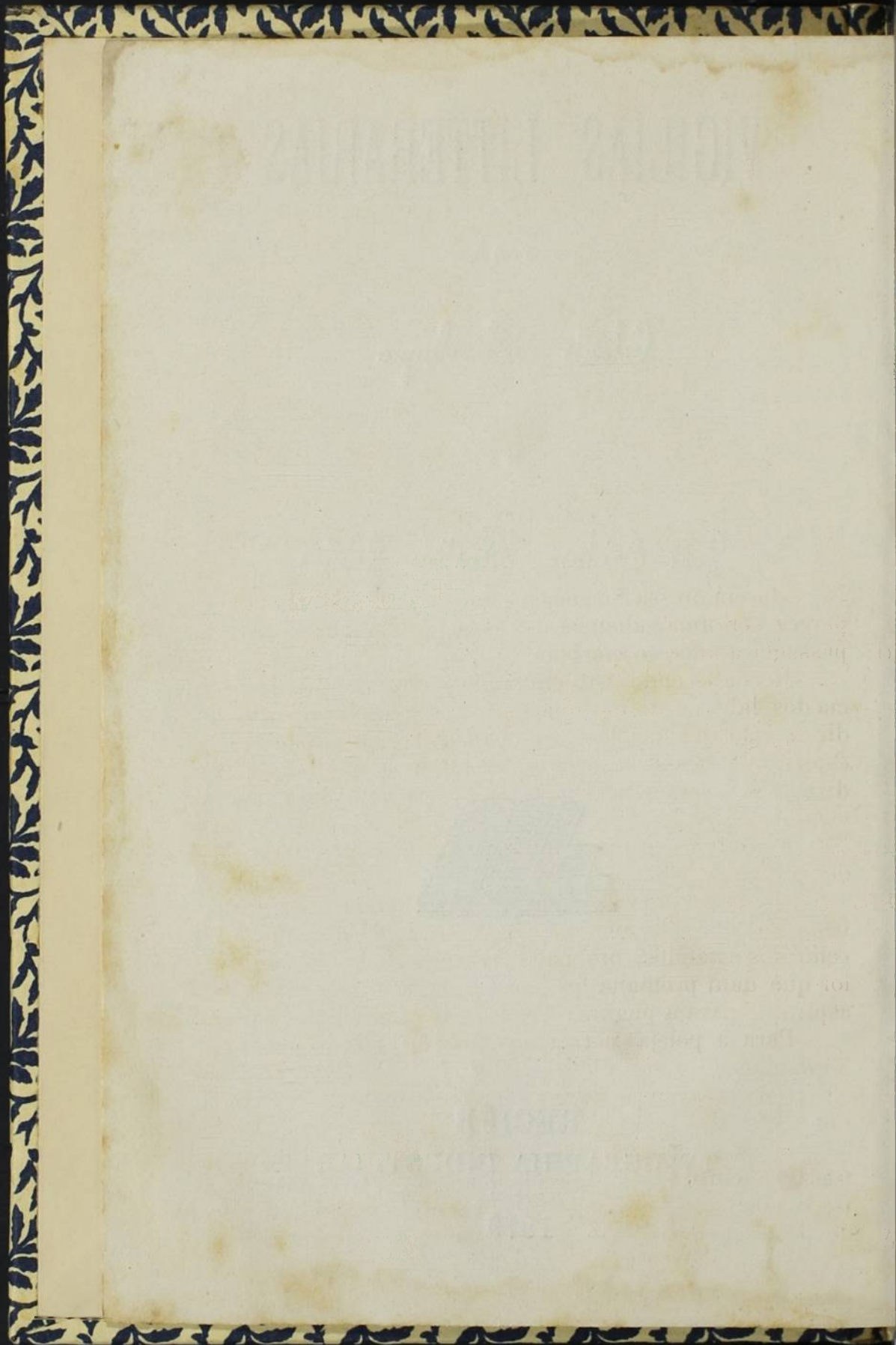


RECIFE

TYPOGRAPHIA INDUSTRIAL

1879

2



A QUEM LER

Ha em nossa sociedade uma apathia tal, que mais parece ser uma saliencia do character nacional que uma passageira affecção morbida.

Reconhecendo isto entendemos nós que a convergencia dos labores da mocidade devia ser no intuito de fundir o gelo que envolve e que comprime as expansões do espirito da nossa sociedade, obstando o nascimento das disposições serias para o trabalho, para a luta, para a conquista.

Este livro é o resultado logico dessa nossa maneira de pensar.

Do vasto incendio que lá fóra ateiam os espiritos bons na luta pela sciencia chega-nos aqui um amortecido echo dos estalidos, um pallido reverbero do clarão. O calor que dahi promana fez nascer em nós uma vehemente aspiração para a pugna. Este livro é um ataque á frieza.

Para a peleja necessitavamos de forte coragem --- Tinhamos.

Necessitavamos de grande força mental. --- Faltavamos.

E' por isso que estas tentativas sahiram pequeninas, fracas, rachiticas. Não preenchem seu fim: --- reagir contra o marasmo; porem vão sem timidez, sem languores de falsa modestia; porque são um reflexo, embora palli-

do, do feixe de luz que sobre nós jorra do alto dos grandes espiritos.

Não temos essa susceptibilidade pueril, fatua, ridicula que se choca, que se irrita com os ensinamentos da critica sensata.

Quanto á essa criticasinha que morde e se esconde como a aspide, que tem os murmúrios abafados da cobardia, essa critica injusta, ferina, deprimente das rodas e dos cafés, não nos acobarda. Demais mostramo-nos apprehensivos fallando de quem talvez não nos venha ao encontro.

O sentimento que sobre nós actuou quando intentamos fazer esta publicação foi nobre: --- o desejo de contribuir para a reacção que se opera nos espiritos contra a indifferença.

Sirva elle ao menos para implantar no animo do leitor uma disposição benevola á nosso respeito.

As nossas convicções, que para nós são as Vestaes ateadoras do fogo virgem do estudo e da vontade, têm-nos feito arraigar dentro d'alma pouco e pouco um dogma imperecível.

--- O do trabalho. O do sacrificio pelo progredimento moral.

Mais uma justificativa para o nosso tentamen.

Conta a Historia que aquelle punhado vigoroso de homens que se chamaram --- Cruzados --- e em cujo cerebro estreadam as explosões da fé religiosa, inscreviam nos peitos que elles iam oppor ás lanças infieis a phrase significativa da obediencia ao Ser Supremo --- *Dieu le veut*.

A' mocidade de hoje corre-lhe o dever de uniformisar-se para a crusada mais sublime da civilisação.

Não se póde mais fazer conquistadora pelos reclaims da crença no absoluto.

Tem obrigação porem de libertar a *Terra-Santa* do futuro.

E o *Dieu le veut* dos antigos precisa de ser substituido pelo postulado moderno --- a humanidade o exige!...

Nós não podiamos ser refractarios ao progresso.

Guiava-nos essa lei que consideravamos eterna. Necessitavamos de estímulos para nós e para os outros. Trabalhamos pois e ahí vai um pedaço de nossas lidas, uma parte de nossas locubrações.

Ainda não descremos de todo; ainda temos fé na regeneração patria!

A' semelhança das terras polares em que, de espaço em espaço, se percebem lavas de vulcões, de envolta com as asperezas friorentas das *avalanches* nós reconheciamos no centro da nossa coexistencia uns laivos de energia vital.

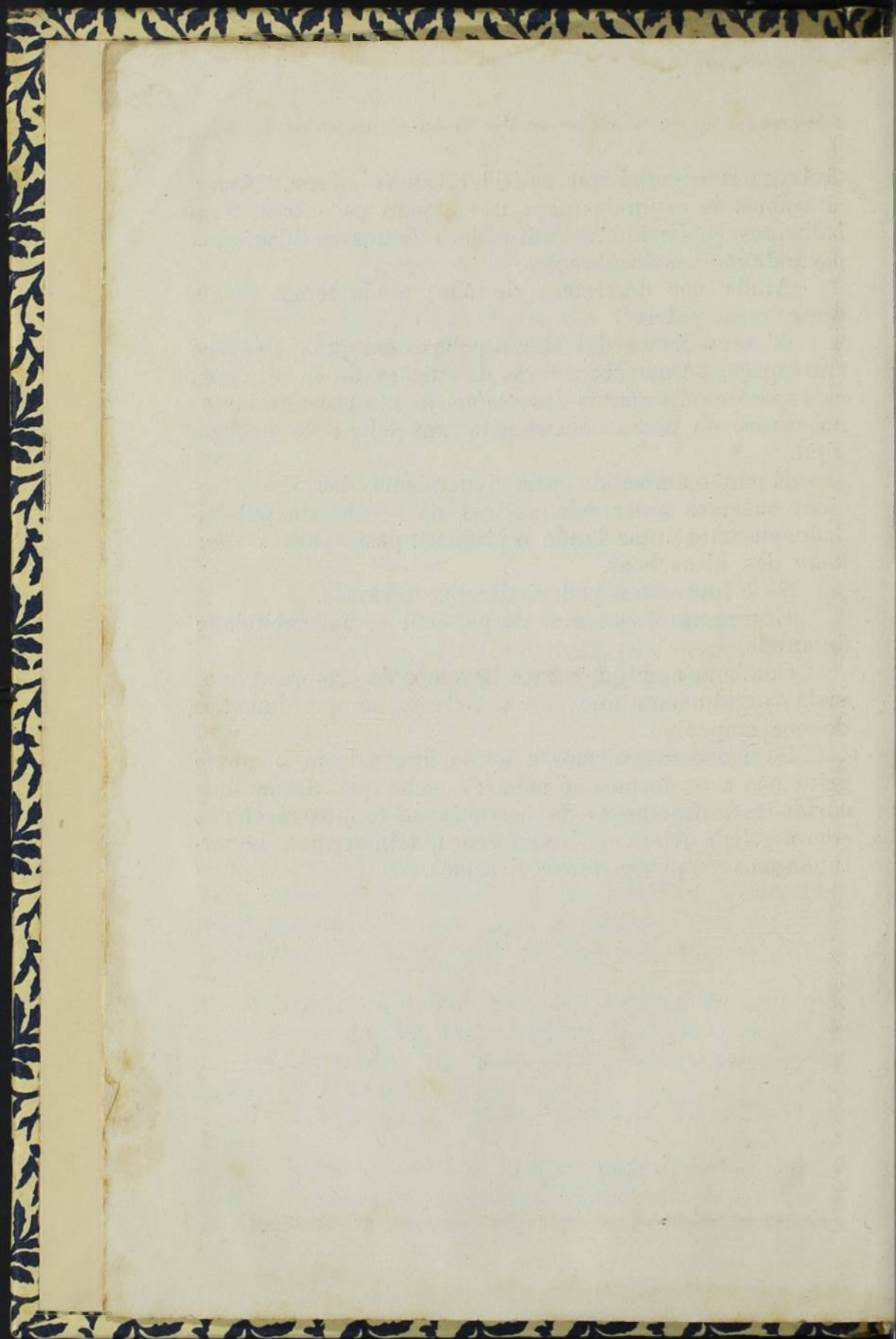
E então impellido pelo dynamismo das forças sociais ousamos arcar com as iras do oceano da publicidade, ousamos lutar dando o primeiro passo para a *Chanaan* das idéas boas.

Só o futuro nos poderá dizer se erramos.

Entretanto esperamos de pé, com a implacabilidade do animo.

Confiamos em que nunca havemos de esmorecer, por mais sanguinolenta que seja a refrega em que hajamos de nos empenhar.

Se não conseguirmos o nosso fim, se com o nosso grito não accordarmos ao menos o echo que dorme nas cavidades anfractuosas da serrania, se formos recebidos com a gelada frieza da indiferença, teimaremos, importunaremos enquanto forças tivermos.

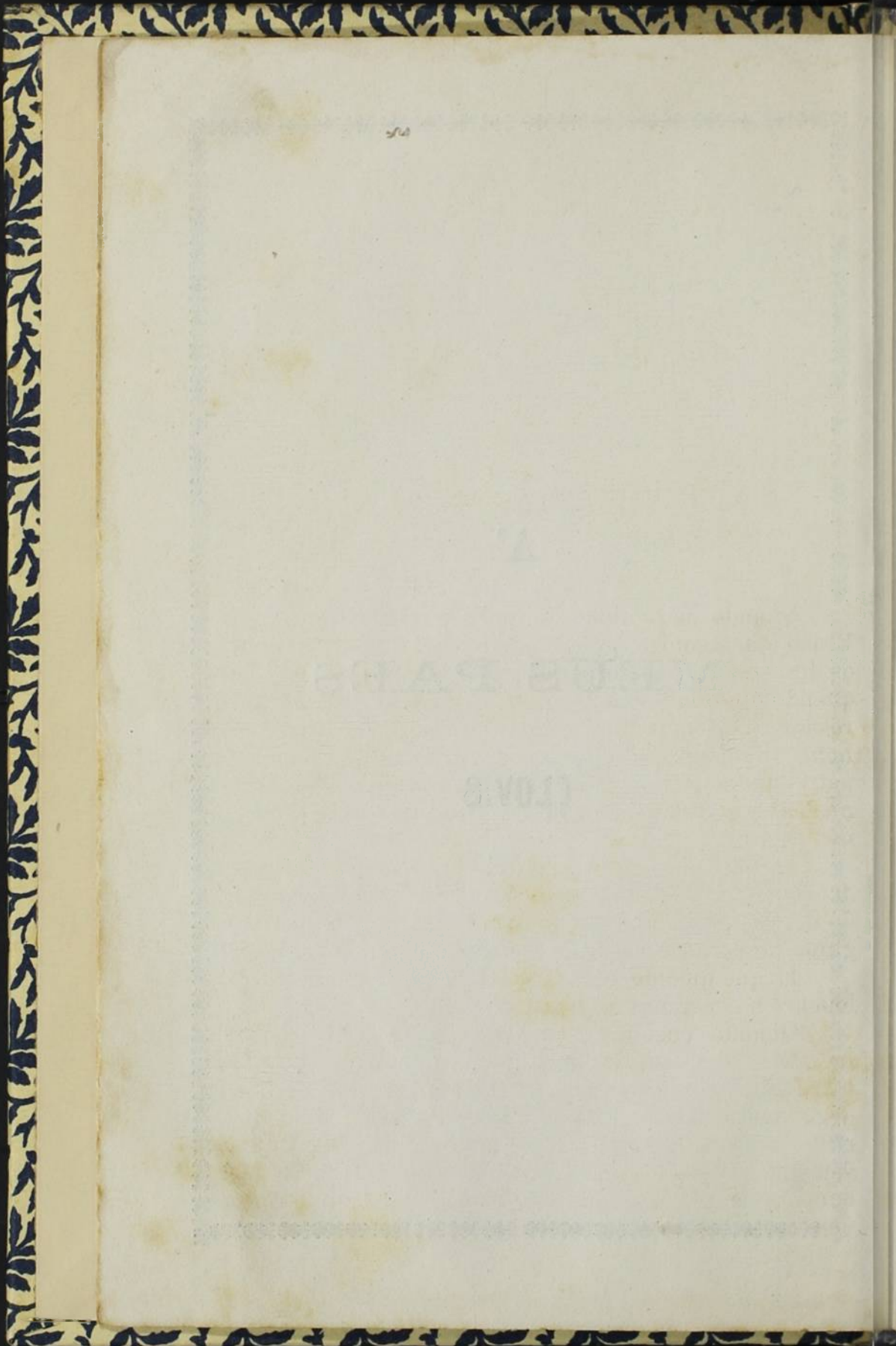




A'

MEUS PAES

CLOVIS



A REPUBLICA NO BRASIL

I

Quando na solidão de meu gabinete contemplo o Brasil que agoniza no leito de torturas que lhe armaram os desmandos e as torpezas do systema que nos rege; quando fito o horisonte do futuro que se carrega de cores sinistras, pergunto a mim mesmo: não teremos um homem que, purificando nossas instituições, sustenha a patria que rola precipitadamente no pendor d'um abysmo medonho no fundo do qual irá encontrar seu esphacelamento?

E como aterradora resposta sinto invadir-me o peito de patriota o desanimo, que é a morte d'alma, me fazendo decahir a fronte de moço que ainda tem no porvir algumas esperanças, talvez illusões que mintam.

E' que quando uma instituição se corrompe, torna-se loucura a esperança em sua palingenesia.

Quando ouço as invectivas indecorcasas que mutuamente se assacão os dous bandos politicos que como lobos famelicos desputam entre si migalhas d'um poder degenerado, farrapos de uma libré de lacaio, que é como elles proprios denominam a farda ministerial; quando vejo que o povo em umas provincias estorce-se nas garras aduncas da miseria, que em todos se debate impotente no charco lodoso e putrido da ignorancia, no esterquili-

nio do opprobrio e do vilipendio ; quando vejo a honra e o talento abatidos e exaltadas a desvergonhez e a nullidade, sinto confranger-se-me o coração e quasi desespero de um futuro melhor.

Mas estará tudo perdido ? Não luzirá uma só esperança nesta noite tenebrosa ?

Sim. Ha ainda uma esperança. --- A nova geração.

E' a mocidade cheia de sentimentos e idéas nobres, altiva, firme e ouzada, a unica esperança que resta. Não se deixe seduzir ella pelo brilho magnetico do ouro, não se deixe levar por sentimentos egoisticos, comprehenda a necessidade de substituir o interesse particular pelo interesse geral, o militarismo pela industria, a ignorancia pela instrucção, a guerra pela paz e ella convencer-se-ha de que este absolutismo (não é outra cousa) que nos esmaga já cumprio sua missão historica, deve ceder o passo á instituições mais beneficas.

E' inconcussa a verdade deste asserto do philosopho : « todo o mechanismo social repousa sobre as opiniões » 'Trabalhe, pois, a mocidade para encendrar as opiniões, faça subir o nivel moral e intellectual, combatendo a atonia das crenças e a frouxidão dos caracteres, diffundindo as idéas novas e trabalhando pela instrucção popular.

Atravessamos um periodo critico e melindroso, cyclo de gestação em que nada ha de positivo, em que as idéas como que estão em completa ebullicão. Os espiritos lutam, investigam, agitam-se e revolucionam-se no intuito unico de encontrar e estabelecer uma formula social commun. Não fique inerte a mocidade. Concorra com toda sua firmeza de animo, com toda a força de suas convicções para apressar a marcha da idéa que advoga.

O dynanismo social se manifesta nas agglomerações humanas de uma maneira inevitavel, é certo ; mas o homem pode influir de uma maneira util sobre as transformações da sociedade.

Tenhamos coragem, porque a época actual é o cadinho onde se estão fundindo as idéas novas que hão de encaminhar o mundo na larga estrada do futuro.

F' preciso convencer-mo-nos de que é a monarchia

que immola a patria, que a impelle nessa carreira vertiginosa para o abysmo; que ella absorve e mata todo elemento de vitalidade e a seiva possante que enrobustece as nações --- a liberdade!

O Sr. M. Ortolan em suas prelecções sobre a soberania do povo, em 1848, diz: « o maior inimigo do direito é o egoismo, isto é, a individualidade exclusiva que só vê a si, menospresa os outros, toma o seu interesse por unica norma e acaba por negar o justo e o injusto. » Isto é uma verdade que está ao alcance de todos. E haverá uma mais triste manifestação do egoismo do que a monarchia, o governo dos privilegios ainda os mais odiosos.?

Em todo paiz onde reina o absolutismo a vida do cidadão é precaria e nublada por tristes previsões, por humilhações constantes e pelo desprezo em que é tido o trabalho honesto e livre.

Entre nós tem sido bem amarga a experiencia. Parece que já perdemos a consciencia, tão profundo é o lethargo em que jazemos. As aspirações mais nobres estão mortas, os caracteres aviltados, as energias desfallecidas.

Mas por isso não devemos desanimar. Esta paralyisia é transitoria.

Ha um principio de physica que bem pode tornar-se um principio de sciencia social; e é: *os corpos dilatam-se pela acção do calor e retrahem-se pela acção do frio.*

Enflamemos com o fogo da sciencia o coração é o cerebro da geração actual e seu patriotismo e suas aspirações e seus sentimentos nobres quasi annullados pelo frio da apathia reapparecerão grandiosos.

Terá então ella coragem de reagir e, dissipada sua ignorancia, terá consciencia do descalabro em que rola.

Sacudamos com força este corpo inerte --- a consciencia nacional --- que já vai quasi perdendo a dignidade de repellir a affronta e ella sacudirá de si as nuvens negras desse prolongado somno de servilismo e ignominia.

Haverá de certo alguma commoção, mas é inevitavel. Quando muito evitaremos os excessos.

Sempre que a sociedade vai, em seu movimento ascencional, entrar em um periodo novo, deixando soterra-

das apoz si as velhas idéas que dominaram a geração extincta, formando um todo de camadas que se sobrepõem umas ás outras como as camadas geologicas, sempre tem que lutar com preconceitos, com velhos privilegios e vezos enraizados. Os animos irritam-se, enfurecem-se, excedem-se.

E' por isso que vimos na grande Revolução enraivadas, febris, tumultuosas, indomitas as ondas do povo electrizadas pelas palavras vibrantes, sybilinas de homens desvairados pela paixão da liberdade, arremessarem-se contra o throno, fazem-no em estilhaços e destroem tudo quanto lembrasse o antigo regimen como se fora um labeo atirado a face da nação.

Não quero justificar os excessos de 93, mas justifico a revolução como uma necessidade nas condições da sociedade de então.

Entre nós quando tivermos de eliminar este estado de cousas e estabelecer um outro mais concentaneo com o desenvolvimento das sociedades modernas não teremos uma commoção social tão energica, tão violenta como a da grande Revolução Franceza, nem podia ser assim vista a diversidade de nosso estado social.

Teremos talvez simples agitação enthusiastica propria de caracteres ardentes como no tempo da abdicação.

Mas violenta ou não, havemos de soffrer a commoção que assignalará a passagem do systema monarchico para o republicano, porque a experiencia da monarchia constitucional---representativa já está feita em nosso paiz. Tem ella que ceder o passo a uma nova instituição que nos trará (apezar das incertezas de um futuro impossivel de definir julgo podel-o affirmar) a liberdade, o bem mais precioso porque suspiram os povos; a diffusão da instrucção por todas as classes; o esforço pela cessação das lutas sangrentas da guerra e pelo estabelecimento de uma paz solida; a satisfação as reclamações das classes laboriosas.

Será o encaminhamento para o reinado da paz e da concordia, da liberdade e da prosperidade que virá quando os povos em communhão se abraçarem no festim do

amor universal, quando as nações formarem como que uma federação immensa, quando os homens tiverem estabelecido « a appropriação geral de nosso planeta feito verdadeiro dominio da humanidade » segundo as palavras de Littré.

II

E' vulgarmente sabido que a forma republicana, por isso que encerra em si mais elementos de mobilidade, é mais apta para satisfazer ás tendencias reformistas do progresso, é mais concentanea com o « espirito novo » que anima a moderna geração do que a forma monarchica, embora lhe queiram dar uns laivos de falsa democracia, de enganosa liberdade que apenas servem para embair a boa fé do povo ingenuo.

Dizem que temos liberdade porque de quando em vez isolada apparece a voz da verdade estigmatizando as vilanias de nossa sociedade de corrompida.

Mas não vêem que se a palavra é mais ou menos livre a acção é vedada?

A monarchia constitucional é uma forma hybrida cujo apparecimento na historia só é justificado como uma preparação para uma forma definitiva.

Por sua politica estacionaria e por seu destino transitorio, se a forma monarchico---constitucional é necessaria na época do desmoronamento do velho absolutismo para a reorganisação social, é-lhe impossivel acompanhar o movimento progressivo da humanidade.

A experiencia já está feita. A missão está cumprida. O estado de nossa sociedade para que não estacione necessita de abroquelar-se sob uma outra forma de governo ---a Republica.

Não faço grande distincção entre as duas divisões politicas que se alternam no poder, por isso não sou daquelles que suppunham que a nova situação veria minorar o pezo dos males que ha muito nos acabrunhavam.

Os factos vêm em meu auxilio, porque os males continuam os mesmos e se perpetuariam se fosse possivel a eterna successão reciproca de nossos partidos politicos.

Ainda que a nova situação effectuasse reformas urgentes, imprescindiveis, só poderia effectual-as parcialmente e é minha convicção que reformas parciaes só beneficios ephemeros nos podem trazer.

Necessitamos de uma grande reforma geral e fundamental para cuja aproximação e exito devemos lutar e lutar muito rompendo as cadeias que nos prendem a este periodo de mystificação e atrazo em que se estragam e corrompem os poucos homens que ainda nos restam animados de sentimentos nobres e virtudes serias.

Devemos aproveitar o pouco de energia que nos resta. Não devemos protelar muito porque a escravidão tambem tem sua voluptuosidade, a voluptuosidade da inercia que mata de inanição.

Ainda que os palinuros da não do estado sejam homens animados de boas intenções e sentimentos patrioticos (o que é difficil no estado de nossa sociedade em que a monarchia timbra em corromper e aviltar todos os homens que sobem) é-lhes impossivel produzir um melhoramento completo para o paiz, porquanto esse melhoramento implica uma transformação completa no alto e baixo funcionalismo e isso é quasi uma mudança de governo.

Prova isto que a origem do mal aqui, como já alguem disse, está nas instituições; não nos homens somente.

Mude-se a forma de governo. E' o unico meio de salvação.

Alguns conheço que admittindo a forma republicana como o governo do futuro a não querem applicar ao Brasil por duas razões para elles poderosas: 1^a, a ausencia de preparação nos espiritos para uma mudança radical em seus habitos, para uma completa transformação na sociedade; 2^a, o temor do desmembramento do Brasil desde que se dê ás provincias (ou como melhor fôr) a autonomia de estados livres de uma confederação republicana.

Suppondo que os espiritos não preparados para um facto social relutem em acceital-o apezar dos beneficios que da consummação do facto lhe possam provir, é obvio

que a preparação dos espiritos deve ser o primeiro trabalho. Naturalmente elles se accommodarão a idea de innovação desde que conhecerem o futuro precario, o abysmo inevitável para que descamba a monarchia, e a somma de bem-estar que n'um futuro proximo lhes poderá trazer um governo republicano federativo baseado nos modernos principios da democracia.

Mas eu nego a ausencia de preparação e já affirmei que perante a sciencia a forma monarchico --- constitucional é transitoria e incapaz de acompanhar a evolução social.

Quanto a segunda razão ácima apresentada apenas direi que descentralisação não implica desmembramento.

III

Mostrei o estado dissolvente de nossa sociedade occasionado por um governo absorvente e corruptor, sem crenças, sem principios, sem vida propria; depois indiquei a instabilidade e incapacidade dessa forma de governo.

Detesto o pessimismo systematico tanto quanto amo a verdade e respeito as convicções alheias. Ninguém julgue, pois, que carreguei as cores do quadro sómente para fazer prevalecer a idéa que advogo em detrimento da que condemno.

Não deturpei os factos. Elles estão na consciencia de todos e os proprios monarchistas os pintam com cores mais negras quando a vontade imperial os apea do poder.

Agora em conclusão vou assignalar um phenomeno social que a meu ver mais que tudo corroborará o que até aqui tenho dito.

Um sentimento vago, indefinido paira por sobre a nação. E', apesar da apathia que nos envolve, uma descrença bem pronunciada e, como consequencia, uma aspiração, que se vai propagando, para um novo estado de cousas; um apego a velhas tradições e vezos enraizados e, como consequencia, um vago receio pelo futuro; uma effervescencia dos espiritos irrequietos e, como consequencia, a falta de accentuação nas aspirações revolucionarias.

E' que nossa sociedade atravessa um periodo critico, revolucionario, mas inevitavel, e o unico compativel com o estado mental della.

E nesta agitação dos espiritos quem não descobre os prodomos de uma revolução, isto é, de uma transmutação social?

A monarchia constitucional destruiu o velho absolutismo dos reis por direito divino, agora atravessamos um periodo em que, me parece, se dissolve a monarchia e breve apparecerá em nosso scenario politico o facto republicano.

A marcha ascencional de nossa sociedade na trajectoria da civilisação, creio, só pode ser como a assignalei ou pelo menos intentei assignalar nesta ligeira synthese.

UM LIGEIRO OLHAR

SOBRE O ESTADO INTELLECTUAL DO BRASIL

I

Que nós somos um povo ignorante, supinamente ignorante é uma verdade muitas vezes dita e de contestação impossível.

E' lastimoso, é indigno de um povo que se diz livre o estado da instrucção publica neste paiz. O governo, preocupado com essa politica de alicantinas e filhotismo que affasta todos os espiritos das occupações serias e proveitosas, só agora na pessoa do ministro do Imperio, o Sr. Dr. Leoncio de Carvalho, lembrou-se do ensino publico tão abandonado que já houve quem dissesse ser um manejo politico de conveniencia a conservação do povo neste estado de abjecção intellectual. Nunca inclinei-me por essa opinião que suppunha além de instinctos máos muita inepecia, muita ignorancia de sciencia social nos timoneiros do Estado.

Sempre opinci que era deleixo, o que aliás não os justifica.

Mas, qualquer que seja a causa, o facto existe; podemos palpá-lo, deixem-me dizer assim.

Se se olha para o centro das provincias é raro, é uma excepção, encontrar-se um camponez que saiba ler.

As creanças crescem e vivem na aviltação da vida material, recebendo uma educação religiosa imbuida de quantas superstições ridiculas ha por ahi, educação incapaz de erguer a população do abatimento em que vive, sómente habil em abysmal-a ainda mais.

Fazem-se homens essas creanças, tornam-se paes de familia e educam os filhos nos mesmos *salutares* principios.

Não se pode dizer que vivem. Existem, mas não comprehendem os fins nobres que almeja o homem; ignorantes e credulos são facilmente illudidos por qualquer desses forgicadores de tricas eleitoraes que por ahi formigão em nossa sociedade.

Mas como não ser assim? E' limitadissimo o numero de nossas escholas, e essas mesmas pouco frequentadas. Quanto a isso a reforma do Sr. Ministro do Imperio pouco adiantou e mesmo pouco podia adiantar, porquanto o ensino primario obrigatorio só foi e só podia ser decretado para o municipio neutro; os professores ambulantes nada farão em favor da diffusão do ensino e as provincias conservarão as cousas no mesmo pé.

As provincias deviam offerecer ao povo maior numero de escholas abertas e mantidas por ellas (não offendendo a liberdade de ensino), deviam exigir dos paes que enviassem os filhos a uma eschola qualquer ou provassem que elles proprios se tinham instituido preceptores de seus filhos. Tudo como está estatuido para o ensino primario na Corte.

Não sou sectario da theoria proteccionista, mas penso como Zorrila que « emquanto o povo não chegar a um grão de elevação em que sinta de uma maneira geral a necessidade da instrucção, o Estado deve satisfazer essa necessidade imperiosa de preparar e facilitar a vinda do periodo historico em que possa confiar exclusivamente tão ardua tarefa a iniciativa e actividade particulares. »

E' preciso que os nossos homens comprehendam a necessidade e a proficuidade do ensino obrigatorio gra-

tuito, não para uma unica cidade do Imperio mas para todo elle.

E' preciso que o Estado habitue-se a considerar o ensino primario como *uma divida social*, na expressão de Laboulaye.

As eschololas devem ter professores, moralisados instruidos e bem remunerados. Quanto a instrucção dos professores o programma das eschololas normaes contempladas no decreto ministerial é satisfactorio e por isso mesmo exige uma remuneração correspondente a habilitação dos professores futuros.

Devem tambem as eschololas ser mixtas porque além da vantagem economica têm a vantagem moral de soterrar esse abysmo que separa o homem da mulher, que forma de cada sexo um mundo diverso, e a eschola deve ser considerada como « imagem da familia como preparação para a sociedade. »

A reforma do Sr. Dr. Leoncio de Carvalho não viu a vantagem economica que consistia, neste ponto, em haver uma eschola onde pelo systema da separação são necessarias duas, e me parece que mesmo a vantagem moral não pode ser auferida pelo modo porque o Sr. Ministro comprehendeu a instituição das eschololas mixtas, mas como o meu intuito não é fazer uma analyse da reforma, deixo de externar mais algumas considerações sobre este e outros topicos.

Quanto ao ensino superior nada direi, pois a reforma do Sr. Ministro do Imperio, se não attendeu a todos os instantes reclamos do estado actual da sciencia, não se pode negar que ampliou os horisontes, que introduzio no ensino a liberdade que é a vida de todas as industrias e eu com o Sr. Tavares Bastos considero a instrucção uma industria.

II

Uma das principaes saliencias do caracter brasileiro é a indifferença pelas cousas serias e nas mulheres accresce a essa indifferença uma ignorancia e uma superstição que causam dó.

Nas grandes cidades essa apathia coage o homem a buscar o jogo, os lupanares, as orgias e todos esses prazeres estrepitosos, desmoralisadores que tumultuam dia e noite nos grandes focos de população; no centro onde escasseiam os recreios e distrações emmaranha-se elle nessas trivialidades politicas bem caracterisadas sob a denominação de intrigas de aldeia.

As mulheres ou são extremamente fanaticas e supersticiosas e então dá-se o phenomeno que assignala Michelet --- a segregação do homem e da mulher na familia ou entregam-se todas aos esplendores da *toilette* e preocupam-se em excesso com a sumptuosidade de seus *boudoirs* e com os triumphos de salão

Isto tudo é consequencia do periodo de dissolução que atravessa a sociedade e portanto temos necessidade de estabelecer as bases de principios novos que substituam os que apodrecem.

E porque a litteratura é o espelho onde se reflete a alma de um povo nós só cultivamos um lyrismo morbido e enervante repleto de longos e vagos scismares (a que nos leva nossa natural indolencia), um romantismo doentio e gasto, abemolado com palavras doces, sonoras, campanudas, retratando nossa sociedade elegante na exterioridade e apodrecida no amago. Nossa impaciencia mental sacia-se com o enredo vertiginoso dos romances de Ponson ou Dumas (pae) e absorve-se nas novellas de Belot e Kock ou então nos romances monotonos de Macedo.

O nosso jornalismo ou se estafa na degladição indigna de uma politica pequenina e baixa e é o balcão onde se atassalha a honra e a dignidade alheias, ou procura sahir dessa rotina má e suicida se. Faria bem triste conceito de nós quem nos avaliasse por nosso jornalismo.

Sei que em tudo ha excepções e bem dignas de encomio que são, ellas que arcam corajosamente contra as poderosas influencias de atavismo e meio. São como essas flores alvas, puras e balsamicas que isoladas desabrocham por entre os caniços de um pantano lodoso.

Sei também que a mocidade vai compreendendo a inefficacia e inanidade do systema de instrucção que não se firma na indispensavel preparação pelas sciencias positivas e procura por si mesma sanar o mal. Que trabalho insano! que dedicação não lhe é necessaria para proseguir na gloriosa tarefa?

Aqui convem notar o que quanto a mim constitue um defeito na reforma do ensino pelo Sr. Ministro do Imperio. Augmentando o numero dos preparatorias exigidos para a matricula nas faculdades de direito, em vez de augmental-os, por exemplo, com principios de physica e chimica, augmentou-os com duas linguas.

Sei que para o estudo dessas sciencias é indispensavel o previo conhecimento do grupo das mathematicas que não é considerado preparatorio para a admissão á matricula nas mesmas faculdades de direito; mas não é esta grande difficuldade, além de que o estudo daquellas sciencias elementares é da mais restricta necessidade e nós, os estudantes de direito, sentimos grandemente a ausencia da educação scientifica quando queremos acompanhar o estado actual da sciencia que a passos agigantados lá fora marcha.

III

O problema que tem-se a resolver, quando trata-se da reorganisação mental, da regeneração de um povo, é a educação e a instrucção. A educação que crêa boas mães de familia, forma bons cidadãos e moralisa a sociedade. A instrucção que ensina o homem a meditar sobre seus direitos, seus deveres e sobre o futuro da patria.

E' da educação das creanças e com especialidade da mulher que depende a solução do grande problema --- a regeneração do povo.

« Eduquemos as creanças brasileiras, li algures, para o mister augusto de cidadão; mas antes de tudo tratemos de organizar a familia e de educar as mães do futuro. »

Para conseguirmos esse glorioso *desideratum* é preciso que além de melhorada e completamente reformada,

seja a instrução profusamente derramada pelas mais baixas camadas sociais.

Nesse intuito devemos ter além dos estabelecimentos fundados pelo governo outros creados pela iniciativa particular.

E os verdadeiros democratas, os que amam sincera e devotadamente a patria, devem, encarando todos os perigos, arrostando todos os sacrificios, trabalhar pelo derramamento da instrução popular, porque só instruido pôde um povo ser verdadeiramente livre, só instruido pôde prosperar, só instruido pôde com passos seguros avançar na larga estrada do progresso caracterizado pela evolução.

Para a consecussão deste grande fim têm elles as escholas, o jornal e a tribuna.

Na eschola ensinarão a creança a ser cidadão segundo as doutrinas sãs da verdadeira democracia.

Com o jornal e pela tribuna levarão todos os dias ao tugurio humilde do pobre, a apertada habitação do operario, á toda parte onde gemerem os opprimidos e chorarem os que soffrem, o consolo e a esperanza. Ensinarão, mostrando a oppressão, a miseria, a dissolução da actualidade a terem todos coragem de trabalhar pelo futuro. Quebrarão com o gume afiado da ironia a gargalheira dos preconceitos; com a palavra austera, rispida, cortante que dão as consciencias claras e as convicções sinceras clamarão contra as vilanias dos governos e dos titeres que se exhibem na fachada do paiz; esforçar-se-hão emfim por estabelecer um novo estado de cousas.

Sim! Esparja-se a luz da instrução pelas massas ignorantes, pelo povo, esse eterno Ilota.

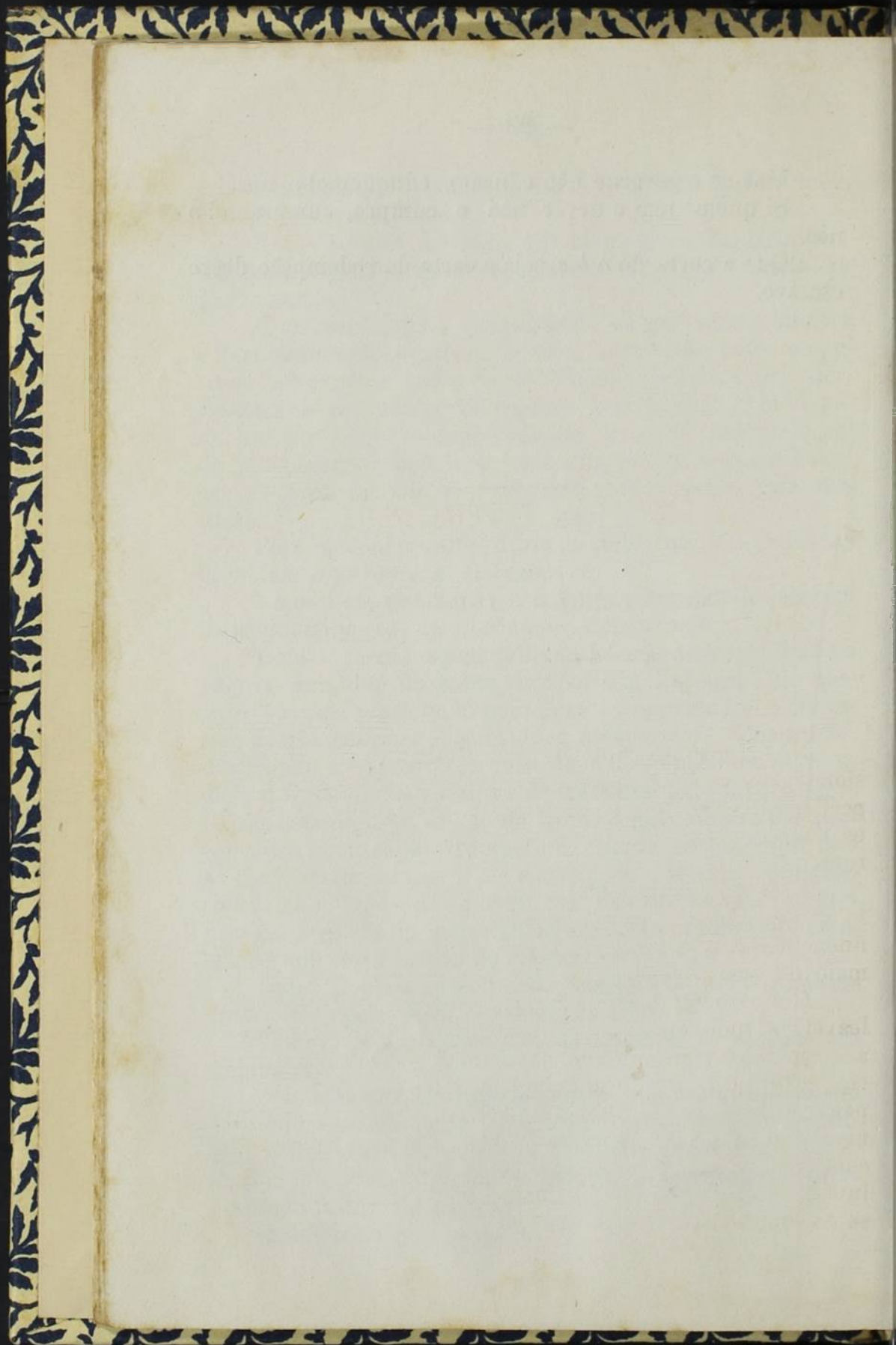
Instrua-se a nação e ella se erguerá do abatimento em que vive.

Não relucte o governo (e espero que assim o faça) em desprender o sufficiente com a instrução do povo se deseja a felicidade da patria. « Dinheiro gasto com o ensino publico, disse alguém, e dinheiro emprestado a prosperidade futura da nação. »

Eduque-se pois o povo.

Mas se o governo não educa-o, eduquemol-o nós.
Si quem tem o dever não o cumpre, cumpramol-o
nós.

Que a carta de *a b c* seja a carta de redempção desse
escravo.



A MULHER ENTRE NÓS

A' VIRGILIO BRIGIDO

I

Nós temos um caracter naturalmente fraco e impressionavel. Amamos o luxo, a ostentação, o esplendor superficial. As diversões ligeiras, o abemolado da frase, os sonhos, as chimeras, tudo emfim que tem vizes de romanesco nos agrada sobremodo.

E' isto uma consequencia do temperamento, um effeito necessario de nossas disposições organicas e da influencia sobre nós exercida pela natureza esplendida em meio da qual vivemos.

Um caracter assim é um caracter perigoso. E' maleavel; a tudo afaz-se. E' romanesco; quando gasta-se aos repetidos gozos prejudiciaes, mas permittidos, do salão, procura as diversões mais chocantes das orgias no lupanar. E' fraco; evita a luta e rebaixa-se para conseguir mais depressa, embora aviltado, o que lutando conseguiria com mais vagar, é certo, mas enobrecido; além de que a luta é o cadinho onde se retemperão os caracteres onde se encendirão as almas fortes.

Fallo com franqueza, digo somente o que sinto e não tenho necessidade de arvorar-me em pessimista.

Mas quem é que não vê que miserrima, em estado de putrefacção, dissolve-se e aniquila-se esta nossa sociedade? Estão tabidos todos os esteios em que ella intenta estribar-se.

Os caracteres estão abatidos, o elemento nacional vae quasi sossobranste, o trabalho honesto é despresado, a impudencia dos homens gastos e a desmoralisação politica campam altivas e em resultado temos a quasi nullidade das creações artisticas e litterarias, o abandono das cousas serias, um condemnavel deleixo da parte do governo sobre as necessidades mais palpitantes do paiz.

Faz-se necessaria uma transmutação social que purifique a sociedade como a tempestade purifica a athmosfera, que effectue, permittam-me a figura, a endosmose dos principios bons em nossa sociedade e a exosmose dos principios máos. A educação será a base dessa transmutação.

E não se julgue extremado exagero o que avancei. Fitae em nossa sociedade o olhar seguro e demorado do calmo observador e vereis.

No presente artigo fallando da mulher mostrarei em parte a verdade do que acima fica dito e indicarei a necessidade da boa educação da mulher porque della depende todo nosso melhoramento futuro.

II

Só com a educação boa das creanças, que varra-lhes do espirito a tibieza e que ensine-lhes a austeridade do dever, poderemos salvar o brio e o character nacionaes que ameaçam naufragar em meio desse tumultuoso pelago de paixões desordenadas. E como a educação do filho depende essencialmente da educação da mãe, como « o valor do cidadão é, na phrase mathematica de Miguel Lemos, a função do valor da mulher que lhe deu a vida e o educou » devemos empregar toda a força, que dão uma

vontade energica e uma convicção sincera, em favor da educação da mulher.

Mas qual tem sido a educação della entre nós?

Mandam-na para a eschola que, como diz o poeta, « é a inquisição da infancia » e algumas menos desprotegidas da fortuna vão internas para um collegio onde quasi sempre perdem o amor da familia e d'onde saem embuidas de crendices tolas, de superstições ridiculas; onde a simplicidade casta e a innocencia incauta das creanças não estão muito a salvo das sorrateiras insinuações dos costumes máos cuja entrada os grossos e sinistros muros que as segregam do mundo não impedem; d'onde sahem sabendo mal umas cousas que não lhes aproveitam por deficientes e nada sabendo da verdadeira educação da mulher --- a que a faz boa mãe de familia.

Tanto da eschola quanto do collegio sahem ellas com o espirito enervado e vão para casa de seus paes esperar, lendo romances mollificantes, que a familia pressurosa por desfazer-se do penoso encargo de vigiar (é como dizem) uma mulher, lhes encontre um bom casamento.

E uma mulher anemica e fransina preocupada mais com os triumphos de salão do que com aprender os sagrados deveres do lar, comprimindo o corpo no aperto do espartilho ou torturando-se com as botinas a Luiz XV, que filhos e que cidadãos dará a sociedade? Corpos enfermos e espiritos acanhados que nos aproximam de mais a mais do abysmo em que estamos prestes a despenharmos.

Sei que existem muitas excepções, sei que temos boas e virtuosas mães de familia que bem sabem desempenhar seu sacrosanto mister, sei que temos boas e virtuosas filhas que bem sabem conhecer os austeros dictames do dever e bem comprehendem a verdadeira missão da mulher.

Mas eu fallo em geral, e em geral a mulher brasileira é delicada, fransina, chlorotica e embuida de um sentimentalismo morbido que degenera a vitalidade intellectual e de uma crendice grosseira que atrophia a razão.

III

O' vós mimosas anemicas, creaturas celestiaes que lembraes as creações divinas do divino Raphael ou a belleza peregrina das houris do propheta, vós que viveis mergulhadas em uma perpetua languidez doentia, em uma continua indolencia scismadora, que sem comprehenderdes, sem mesmo procurardes comprehender, olhaes para a sociedade, esse mundo que se agita a vossos pés umas vezes em orgulhosas convulções oceanicas outras vezes em nojoso rastejar de reptil, permitti que eu vos falle leal, franca, positivamente.

Logo ao sahirdes do collegio, quando ainda ereis creanças, vos levaram a um salão onde ieis ver a sociedade que soffrega, anciosamente dezejaveis ver e que sonhaveis altiva, pura, generosa, sem falsidades, sem vicios e sem crimes. Entrastes alli como se entra em um sonho phantastico, --- suspensas, arroubadas.

Era tudo luzes, sedas, perfumes e harmonias.

Era deslumbrante aquillo, era.

Logo se chegaram a vós uns moços irreprehensivelmente vestidos que levaram-vos a rodar pela sala em um gyro vertiginoso a que chamavam *walsa* durante a qual vos segredaram muitas cousas que achastes lindas; que tallaram do brilho das estrellas e da bella pallidez da lua: que exaltaram a côr morena ás que eram morenas e a loura ás que eram louras; que enfim de um modo compungido e com palavras amenas fizeram declaração amorosa em que acreditastes, embora ruborisadas tiveseis dito o contrario.

Depois outros e outros vieram e como que automaticamente repetiam as mesmas cousas.

Comprehendestes que tudo aquillo era mentira, era falsidade e tivestes asco. Sorristes desdenhosamente, mas prefererieis que fosse verdade. Achastes aquelles homens ridiculos, mas não tivestes força para repellil-os.

Assim se desvaneceram vossas primeiras, vossas mais doces illusões de creanças.

Sonhastes uma sociedade bella, dourada, luminosa, mas pura, grande, boa. Uns romances que lestes alimentaram vossos sonhos.

Mas a realidade? Sob apparencias seductoras encontrastes o vicio, a podridão, a miseria.

Era aquillo como a ramagem verde e florida que se estende e se entrelaça para occultar o precipicio; era como a grama rorejada e mimosa que esconde a serpe peçonhenta. *Latet anguis in herbis.*

Repugnou-vos aquella sociedade falsidica, não é verdade?

Mas como *todos* aceitavam-na assim, vós aceitastel-a tambem. E que havieis vós de fazer, pobres mulheres fracas e sós?

Acceitastes o mundo com toda sua falsia, em toda sua feia realidade, mas desde esse dia ficastes melancolicas, scismadoras.

Ah! os vossos primeiros e mais lindos sonhos tinham se esvaecido, os mentirosos! Mas é tão doce sonhar, doia-vos tanto o coração com a só lembrança do vacuo que em vós tinham deixado as illusões perdidas que soffregas vos atirastes a outras illusões, a outros sonhos.

Pois bem, a patria necessita de homens robustos, energicos, devotados, e como « a familia é a escola dos sentimentos, dos habitos e do character » é a vós que a patria implora o seu futuro.

Si quereis servir a patria e a humanidade accitae um conselho: não vos deixeis enlevar nem pelos sonhos romanticos que nos cerebros vos implantaram certas leituras, filhas genuinas do mais arrebicado romantismo, nem vos excedaes arrebatando-vos pela idéa cavalleirosamente galanteadora da emancipação absoluta de vosso sexo; accreditae que o lugar verdadeiro, nobre, grandioso da mulher é o lar, ao pé do filho, ao lado do esposo.

Deixae a flaseidez do sonho. Accitae a dura, mas grandiosa realidade.

IV

Agora lançarei um ligeiro olhar para o desdobramento da civilisação, na marcha evolutiva do progresso, relativamente ao melhoramento da condição da mulher.

A mulher nos paizes immersos ainda nos horrores da barbaria onde o unico mister considerado digno daquelles homens semi-nús, musculosos, de uma carnação athletica e rija era a guerra; a mulher ali não só era uma submissa escrava do homem como tambem, apesar da delicadeza e fragilidade de sua constituição, via-se obrigada aos trabalhos mais rudes e mais grosseiros.

Depois passou ella a ser o que é ainda hoje no Oriente --- um mero objecto de luxo, um instrumento passivo da animalidade, da concupiscencia alvar do homem, com a crua annullação de sua liberdade, de seus sentimentos, mesmo daquelle que é na mulher o que é a fragrancia na flôr, na ave o canto --- o pudor.

Entre os Athenienses, o povo que, como os Italianos depois, teve em mais alto gráo o desenvolvimento dos sentimentos estheticos, o povo que idealizou mais pura a correcção da forma, entre os Athenienses ella era considerada pela belleza plastica.

Hysperides desvelando a bella Phryné perante os juizes fascinados por aquella apparição deslumbrante é um facto bem característico.

Em Roma quando a dissolução dos costumes importada da Grecia, não tinha ainda minado as bazes da familia a ponto de tornar quasi irrisorios o casto conchego e a santidade do lar, era a mulher, rigorosa, estoicamente obrigada a permanecer no gynecio, sem liberdade de querer nem de pensar, sem a consagração de seus direitos.

Mas ellas, as miseras, não protestaram contra essa aspera, essa iniqua sujeição. Lucrecia assellou com seu sangue o nascimento da Republica, mas esta não mitigou a asperrima condição do sexo fragil. Entretanto re-

conhece o Sr. Boiteau que então já existia o primeiro modelo da cidadã cujo esboço dera a rígida Esparta.

Foi o Christianismo trabalhando pela doçura dos costumes, pregando em toda sua pureza uma moral sã que suavizou a condição da mulher.

Perante o Christianismo a mulher e o escravo foram emancipados e o sangue das martyres santificou a magestade dessa proclamação.

Durante o feudalismo os sentimentos beneficos inatos no homem continuaram a favorecer a condição da mulher.

Chegamos aos tempos modernos.

Hoje que os sentimentos altruistas que, segundo Littre, têm por objecto « suscitar um sentimento de aversão a tudo que offende » attingiram a um elevado gráo de actividade e desenvolvimento; hoje que a sciencia tem mergulhado nos seios da terra e elevado-se aos parâmetros do infinito para descobrir as leis fataes que regem o mundo e o universo, o homem e as cousas; hoje estará resolvido o grande problema que procura determinar a posição da mulher na sociedade, isto é, o logar que ella hoje occupa será o que deve occupar no futuro?

Certo que não.

Será pois rasoavel a aspiração, que nutrem muitos homens e muitas mulheres, a uma emancipação absoluta do sexo feminino que abra-lhe a concorrência com o masculino a todos os misteres, a todos os direitos, a todas as obrigações?

Tambem creio que não, e os que sustentam essa opinião se firmam na absoluta igualdade physica e moral entre o homem e a mulher, o que é scientificamente contestado.

Não ousou nem quero mesmo entrar na questão physiologica de saber se a organização da mulher, que tem suas differenças da do homem, não prova que aquella tem uma capacidade physica menor e uma intellectualidade inferior. Seria inutil.

A historia ahi está e ao alcance de todos para decidir o pleito.

Nos prova ella, e é cousa já muitas vezes repetida, que a força mental da mulher é inferior a do homem e nos assevera empiricamente que nellas não existe a intelligencia inventiva e em todas ha uma certa volubilidade que as impede de proseguir com afinco em um estudo longo.

Hypathia, Mme. de Sevigné, de Scudery, Dacier, de Stael, Clemence Royer e tantas outras são de certo dignas de respeito, mas não contrariam o asserto da historia.

As mulheres da Revolução e da Communa, as mulheres petroleiras com suas exaltações de convulsionarias, não serão uma anomalia social, não serão uma violencia feita a natureza ?

Certo que sim.

Não quero negar que a civilização ainda tem muito que fazer para assentar definitivamente na posição que compete á mulher, não quero negar que ella, especialmente em nosso paiz, está muito aquem do que deve ser, porquanto se a mulher não tem aptidão para a sciencia não se segue dahi que ella deva ser condemnada a ignorancia. Não, e ao contrario merece especial desvelo a sua educação, que deve ter por fim sanal-a das superstições, fazel-a comprehender os interesses sociaes e ensinar-lhe a educar os filhos.

E' necessario que a mulher nem fique immersa na ignorancia nem se abale a entrar nas agitações da politica ou nas agruras da especialidade scientifica. Deve por exemplo, saber um pouco de physica para não ir com santo fervor queimar um ramo bento em dias de tempestade ignorando ser aquillo um phenomeno natural ; um pouco de economia domestica, de hygiene etc.

Emfim deve receber uma esmerada educação moral e intellectual como é comprehendida hoje e que tem por objecto, segundo se expressa Littré, « pôr a intelligencia e o coração em relação com a constituição e as leis deste universo de que fazemos parte. »

VISLUMBRES

(VERSOS DE RIBEIRO GONÇALVES)

A' SILVA JARDIM

I

Já hoje o poeta não deve ser o homem desvairado que montado no hypogripho da imaginação va por ahi além, pelos espaços insondaveis a procura de sonhos e phantasmas, manifestando-nos, com as phrases entre-cortadas das sibylas, as creações grotescas e as vezes banaes, sem realidade possivel, abortadas por sua imaginação enferma.

Já hoje o poeta não deve ser o languido scismador, o soffredor eterno de dores phantasiadas que ao relento passe noites de insonia e delirio cantando ingenua, puerilmente suas esperanças e desalentos.

Já não deve ser o espirito lutador que, na phrase de Luciano Cordeiro, « rompendo as cadeias da humanidade esvoaçe para o infinito. »

O poeta moderno deve ser um lutador, sim; porém um lutador mais terreno, sem extases, sem deliquios mysticos.

As manifestações variadas da arte amoldam-se ás con-

cepções philosophicas que produzem a mentalidade de uma época.

Assim a poesia foi epica, grotesca, lyrica (que degenerou em melancolia, em sentimentalismo refinado e falso) e finalmente attingio a sua phase mais elevada e mais bella --- a scientifica --- que apezar das substanciaes produções de Lucrecio e Goethe só em nossos dias encontrou terra propria para medrar.

E nestas quadras de transição como a que atravessamos, ha sempre uma grande individualidade, um « homem --- seculo » que resume em si todos os sentimentos que agitaram a sociedade de seu tempo, que estampa na face da vida gloriosa de seu espirito todas as gradações progressivas da arte que representa.

Entre os poetas modernos nos ostenta essa magestosa individualidade --- V. Hugo. E' por isso que Castelar diz que « elle foi legitimamente bonapartista, romantico, doutrinario, crente, racionalista, livre pensador e democrata. » E não será elle hoje o mais saliente, o mais prestimoso representante da poesia socialista?

Em todas as artes acontece o mesmo e na musica Verdi representa o que na poesia representa Hugo.

Mas o poeta que me suggerio estas considerações é soberanamente lyrico. Desfere em sua lyra a eterna monodia do sentimentalismo morbido e enervante.

Quem ha ali que desconheça o veneno que tem trazido a sensibilidade exagerada e doentia desse mysticismo poetico que vem desde Petrarca o dulcissimo cantor de Laura?

Quem ha ali que desconheça as influencias nocivas, á derruirem todos os sentires masculos e os pensares grandiosos das almas ternas, que tem trazido esse sentimentalismo deleterio que se abemola, se adelgaça, se volatilisa para introduzir n'alma branda, insensivel, voluptuosamente o virus corrosivo?

∴

Quasi todos os nossos moços de talento, no seu ima-

ginar enfermo e tresloucado, se reputam soffredores como Malfilâtre, o misero genovez que tiritando de frio se contorceia nas convulsões da fome; quasi todos sonham com os soffrimentos romanticos do orgulhoso Chatterton tão primorosamente desenhado por Alfredo de Vigny « com seu lugubre lyrismo ao genero dos canticos dialogados de Job, » no expressar sempre caracteristico de A. de Azevedo; quasi todos ao menor desabor desalentados exclamam uma phrase de effeito, mais ou menos semelhante aos celebres versos de Gilbert:

Je meurs et sur ma tombe où lentement j'arrive
Nul ne viendra verser de pleurs.

Outros intibiam a imaginação, apagam esse ardor da mocidade, que dá animo para o trabalho e força para a luta, com a imitação de producções maleficas, eversivas, como as de Byron e Musset, para o que, segundo disse um talentoso moço, é preciso invenenarem-se previamente em absyntho e *cognac*.

Outros ainda abandonam-se aos vagos seismares e a doce languidez das *meditações*. Passam a vida a cantar os seus devaneios e bucolicos amores por uma gentil creança de quem nos pintam os olhos negros, os labios de romã, os seios turgidos, o pé *mimoso e leve e tuti quanti*.

O perigo aqui não é menor. O enervamento e o atrophiamento do espirito são a consequencia em todo caso, se não de quem escreve porque não sente ao menos da creança ingenua que lê, acredita e sente.

Ribeiro filia-se a esta ultima eschola.

Será porque é ainda muito moço, para supportar o peso da inspiração possante, do trabalho arduo da poesia scientifica?

Será porque influencias climathologicas especiaes de nosso paiz, nossa indolencia meridional, nossa aversão pelos estudos serios, imprimam em nossa poesia essa roupagem romanesca?

Creio que ambas as causas influxionaram poderosamente sobre o espirito do poeta.

II

Todos os brasileiros nessa época da vida em que o sangue parece que revoluciona-se circulando abrasado em nossas veias e faz pulsar violentamente os corações valentes; nessa época a mais bella, a mais possante, a mais esplendurosa de nossa vida, em que a imaginação se ostenta mais luxuriante e mais atrevida, em que o mundo tem a nossos olhos um aspecto benigno e grandioso de energica vitalidade e em que as concepções que nos assomam ao cerebro têm um cunho caracteristico de magnanimidade generosa e egualitaria, todos os brasileiros nesta época da vida, dizia, como já se tem dito muito, são poetas, isto é, são altamente impressionaveis e sensiveis. E a exaltação de que são elles dotados, nos diz a critica, é uma consequencia da mestiçagem e do meio esplendido e magestoso que nos cerca: --- este clima ardente, mas doce e esta natureza vigorosa de uma vitalidade inexaurivel.

Mas se as condições climatericas e a mestiçagem têm o poder de abroquelar o ideal romantico, conservando-o arredo e insensivel quasi ao impulso da nova idéa parece-me, e é a primeira lembrança que nos acode ao espirito, que deveriamos ter uma litteratura bem caracterisada. As condições especiaes do meio physico deviam imprimir um cunho especial sobre as manifestações da arte.

Tem sido esta these bem discutida e não tenho nem o desejo nem a ousadia de fazel-a voltar ao terreno da contenda. Este capitulo vae aqui inserto como um parenthesis. E' sua razão de ser.

Dizem uns: as litteraturas hoje não aspiram circumscrever-se aos estreitos limites de uma nacionalidade, devem ser universaes, por isso não ha necessidade de indagarmos se temos ou não uma litteratura nacional.

Se depois de estabelecida definitivamente entre os povos uma paz solida, o que é uma aspiração vehemente dos espiritos bons que procuram com o auxilio das forças individuaes e collectivas corresponder plenamente na ordem social aos justos reclamos individuaes; se depois

de satisfeitas as legitimas exigencias das classes operarias que devem sentar-se com as demais no festim da civilização; se depois de encontrada e estabelecida pela adhesão unanime uma forma social commum, o que não sei quando e como conseguirá a humanidade; se depois de tudo isso se dissesse que *as litteraturas não aspiram circumscrever-se aos estreitos limites de uma nacionalidade*, então e só então ter-se-hia razão. E' impossivel que uma litteratura não receba o cunho de seu paiz.

Outros aceitando a nacionalisação da arte e da litteratura asseveram que nossas poesias e romances (unicos generos entre nós cultivados) nada têm de proprio, são meros arremedos.

E' para nós inaceitavel essa opinião.

Vejamos porque. E' principio inconcusso, e já mais de uma vez a elle me tenho referido, que as aspirações, os sentimentos, os vezos de um povo recebem poderosa influencia da natureza que os cerca.

As litteraturas do norte onde a terra friorenta s'embuça no cinereo manto das brumas têm todas um *que* de nebuloso e fugitivo que lembra sempre os fragmentos de Ossian.

Aquellas paginas bellas, uma vez de um narrar sereno e grandioso; outras vezes de uma austeridade rispida, da Biblia, o grandioso poema hebraico, não trazem a idéa os immensos cedros que na encosta do Libano levantam as copas alterosas a lamberem com as frondes o regaço esquivo das nuvens e as paragem lugubres e desoladas do deserto?

Antar « o poeta epico como Homero, lastimoso como Job, amoroso como Theocrito, philosopho como Salomão, » que cantou o deserto em versos ardentes como o sol abraçador que derrama caudaes de fogo sobre a areia faiscante de sua patria, não estampa em seus versos a physionomia da natureza arabe?

E o Mahabarata e o Ramayana não recordam a natureza grandiosa da India em suas descripções pomposas de que nos fallam os indianistas?

Nós temos, e eu não quero occultal-o, uma aptidão de-

masiado pronunciada para a imitação, porém nada teremos de proprio? Então este clima que nos faz indolentes, e é por indolentes que imitamos, não inacula alguma coisa propria destas regiões mesmo no vasado da imitação quando ella não tem o torpe desgarro da copia servil? Então o elemento nacional está de todo aniquilado? Magalhães, Dias, Alencar, e eu não quero referir-me somente aos contos indigenas, não têm produções que se possam chamar nacionaes?

Demais toda litteratura é o transumpto dos costumes do povo.

Si quasi todos os nossos costumes são assimilações dos costumes europeus como é que quereis que a litteratura não se resinta disso?

Não se vá entretanto suppor que eu quero oppor uma barreira insuperavel á invazão das idéas. Não, seria isto uma contradição palpavel com meus principios. O que eu desejo é que para a adopção de um costume ou de uma idéa se tenham em consideração as condições physicas e moraes do povo. E tem si lo esta nossa tendencia assimiladora dos costumes, esta nossa precipitação em acèitarmos uma idéa nova que tem trazido immedido descredito á principios salutaes.

Entendo, pois, que embora nascente, embora fraca, embora estufada e a despeito das copias, temos uma litteratura.

III

Volto ao poeta de que ora me occupo. Pela singelosa despretenciosa do estylo, pela franqueza do sentimento que as vezes vae até a ingenuidade, quasi se pode asseverar que seus mestres foram João de Deus, C. de Abreu e talvez F. Varella. Guerra Junqueiro, cuja eschola aliás não segue, não deixou de exercer sobre elle alguma influencia.

Conhece-se bem. Isto não quer dizer que Ribeiro estiola seu talento na estufa da imitação escrava. Não, não avanço isso que seria sobre modo injusto.

Em artes prefiro a criação a imitação, mas supponho

que não ha grande mal nella quando isolada se cinge a um modelo bom, mesmo porque o principiante necessita de mestres. O que é ruim, o que mata toda espontaneidade imaginativa é ter modelos eversivos, é a copia servil de qualquer, bom ou máo.

Já vão longe os tempos do exclusivismo scientifico. Agora a sciencia procura inundar de luz as massas populares até hoje envolvidas no negro sudario da ignorancia e do desprezo.

E o poeta deve a par dos apóstolos da sciencia derramar sobre o mundo ignorante, o mundo desprezado, as idéas salutaes do justo, do bello e do verdadeiro.

Ribeiro está em uma idade em que se não accentua bem o character, nutro esperanças, por isso, de que abandonará a velha escola que, apesar dos talentos bons, dos genios mesmo que lá figuram, não tem mais razão de ser.

Seguir, entretanto, a corrente da nova idéa, eu entendendo, não é somente imitar Guerra Junqueiro como quasi geralmente se tem feito entre nós.

Tem-se entendido, ao que parece, que uzar de palavras e phrases

That would have made Quintiliam stare and gasp.

é ser poeta revolucionario.

.....
Antes de concluir devo dirigir uma saudação ao moço que ouzou arcar com a indiferença de nossa sociedade.

Trabalhe e estude tendo por força impulsora o talento proprio e por auxilio o encorajamento dos que ainda curão de lettras nesta terra, os quaes de certo o hão de animar e sua perigrinação para o futuro será uma viagem serena.

.....
Isso que ahí fica dito não é um juizo critico, não.

São impressões de leitura. Não desci a analyse minuciosa de cada poesia porque entendo que pouco adiantam as letras com esmerilhar-se, em uma obra defeitos que não atacam positivamente os principios geraes da arte, tanto mais quando o autor do livro é um estreiante.

O volume publicado não é de certo um padrão de gloria, mas é a primeira amostra de uma intelligencia sadia e nova. Como tal deve ser considerado e não como uma obra de mestre.

Não se véem alli os lampejos deslumbrantes da inspiração grandiosa que arrouba a quem lê.

Suas tentativas neste sentido são verdadeiras descaidas.

Sua inspiração é placida, serena, suave. As vezes desfallece e até anihila-se, mas quasi sempre apparece derramando « suas languidas doçuras » em versos mimosos, agradaveis, amenos.

Não pelas poesias insertas neste volume, mas pela capacidade que ellas revelam em seu autor, não repito somente um lugar commum, affirmo uma verdade de que estou convencido, quando digo: Ribeiro Gonçalves é uma bonita esperança.

Com estudo e coragem será um bom poeta.

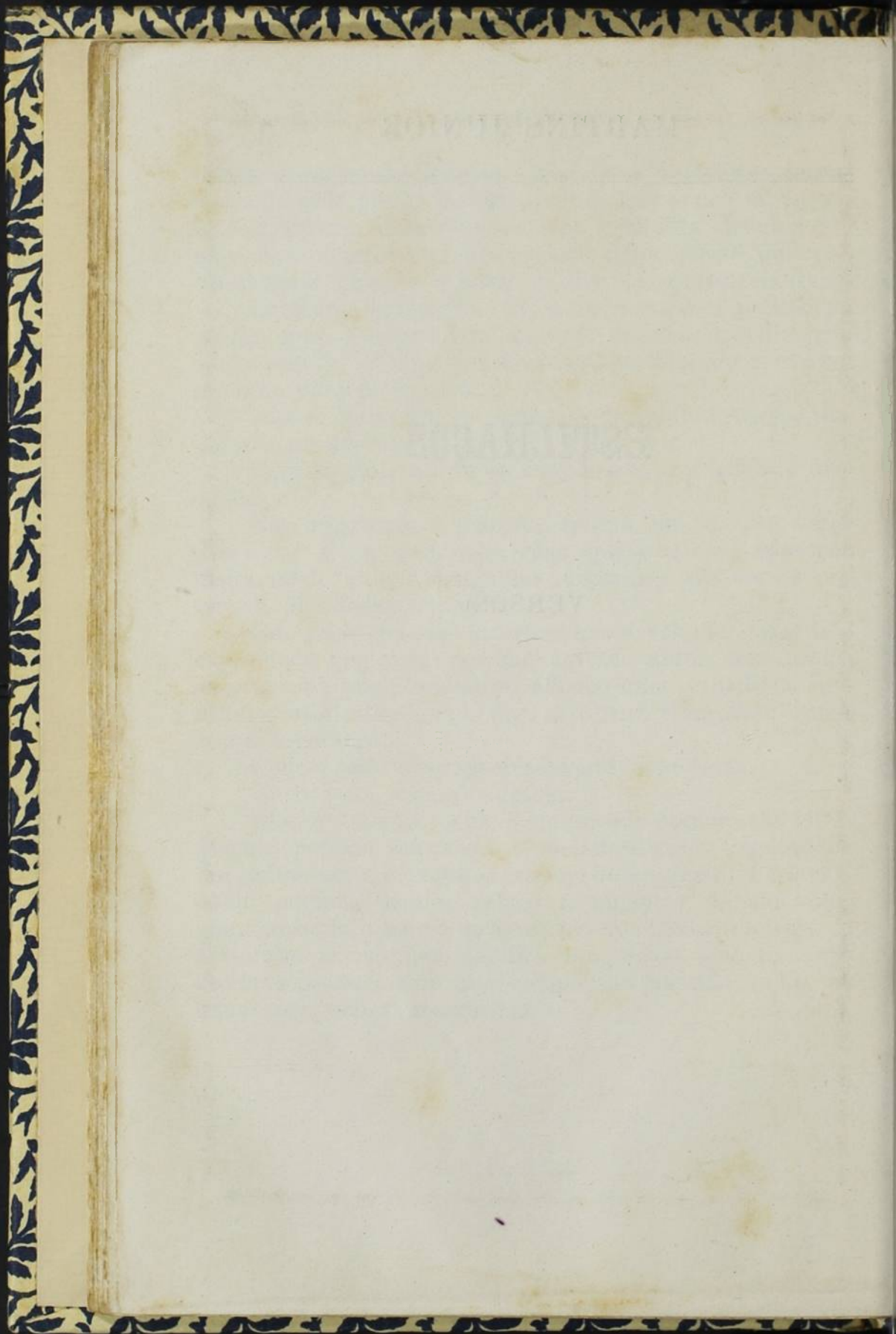
Fu o creio, espero e desejo.

Que os talentos bons, e em grande numero são elles, que ahi passam em nossa sociedade silentes e ignorados lhe imitassem a coragem e odesejo de produzir! Teriamos então paginas sadias, robustas, pujantes, de um valor que não seria o balofo pedantismo dos idolos iraciveis, e cessariam as mofinas paginas langorosas que não são de certo productos de uma compleição mascula, sadia, as quaes por sedições morreriam.

MARTINS JUNIOR

ESTILHAÇOS

VERSOS)



A'

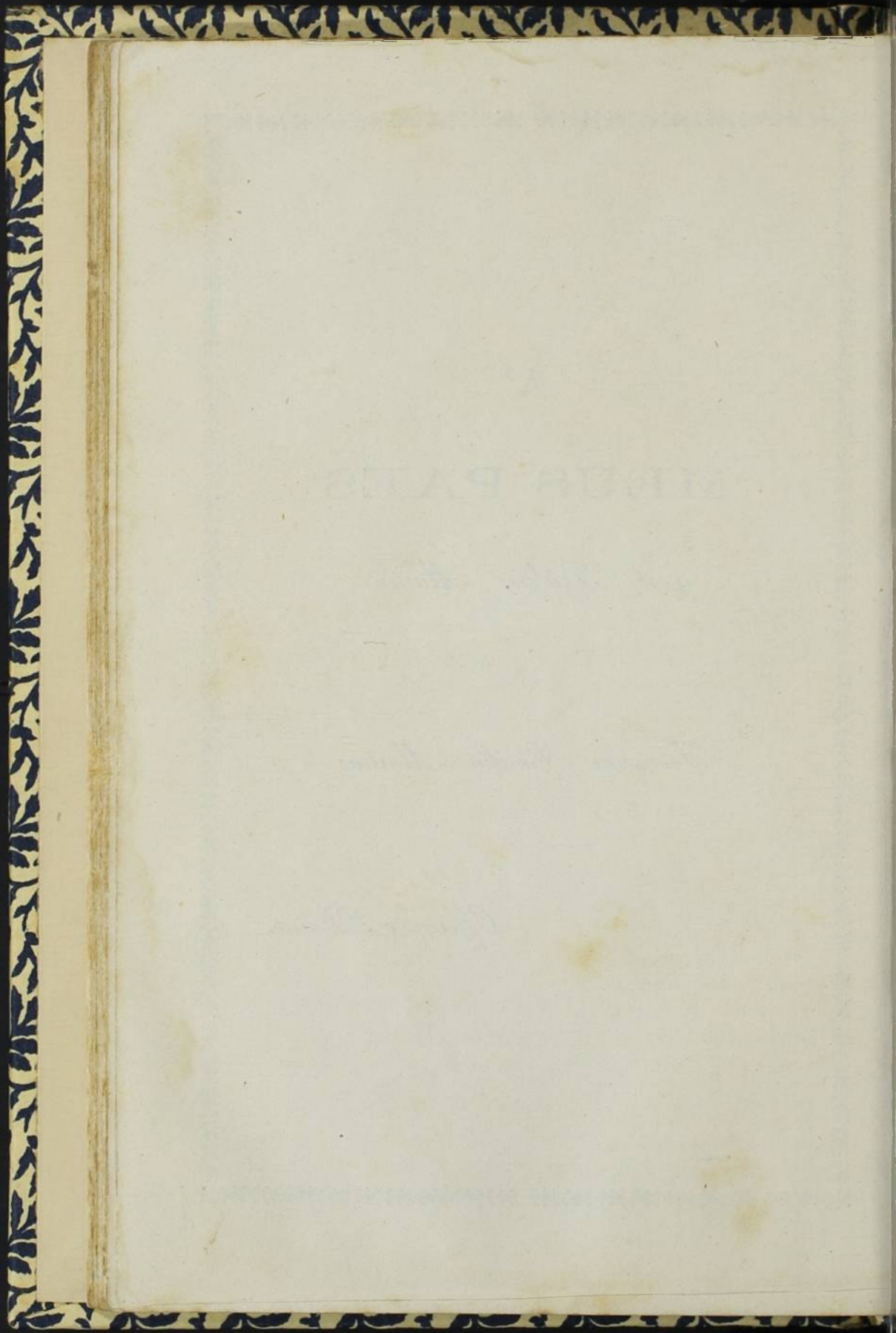
MEUS PAES

José Izidoro Martins

E

Francisca Emilia Martins

Offereço e Deaico.



AO POVO

Leve ton front, peuple, je te proclame
De la couronne heritier presomptif.

BERENGER.

Guttemberg ou Voltaire, o feito antigo ou novo
O povo é sempre o mesmo, é sempre grande o povo!

SOUZA PINTO.

E' já longo o caminho do Calvario
Que trilhas sob a cruz ha tantos annos ;
Desfaz ! Quebra ! Estilhaça o teu rosario
Calca, assoberba, esmaga os teus tyrannos !

GUILHERME BRAGA.

E' tempo de afiar a espada da vingança
No rochedo immortal da tua consciencia !
O' povo ! Para longe a torpe somnolencia,
E faze d'um direito a ponta d'uma lança.

Eu vejo-te servil, chlorotico, doente,
Atado como um Christo ao tronco da polé !
Nem sentes mais vibrar o turbilhão da fé
No concavo do peito asperrimo, fremeante !

Outr'ora quando a luz dos rabidos canhões
--- A luz da independencia, a luz do teu olhar
Esguia-se feroz, com a pompa d'um altar,
Com o fervido ruir das grandes explosões;

Outr'ora quando o vulto austero de Gonzaga
E o martyr Xavier sobre o torrão Mineiro
Arcavam contra a lei fêrina do estrangeiro
Em gritos de fuzil, com o ferro d'uma adaga;

Nos tempos em que o Norte ouvia Theotonio
E a lava --- Rev'lução bramia em Pernambuco,
Nos tempos em que o sabre e a falla do trabuco
Alçavam Pedro Ivo ao ruivo pandemonio,

Então, ó povo! Sim! Tu eras o gigante
O fero Adamastor das lendas do passado!
Saltava-te do craneo heroico, illuminado
A immensa radiação d'um astro deslumbrante!

Mas hoje não tens mais essa loucura santa.
Deixaste a flicidade electrica da Gloria,
E sepultasté até nos antros da memoria
O pó das tradições, os louros que se canta!

E agora eu tenho pejo até de te apontar
Escuta! --- o reluzir do céu da redempção.
Parece que olvidaste o vulto de Catão
E gostas de sentir o vicio respirar!...

O mundo que te fecha, o mundo que te abraça
E' feito de tortura e risos de entremez;
Conhece-se de ti na gangrenada tez
O craneo embriagado, a consciencia baça!

Os sátrapas da lei, teus velhos inimigos
Que abriram-te um bordel e deram-te um Senhor
Fizeram-te beber o vinho do impudor
No calix infernal dos turbidos castigos!

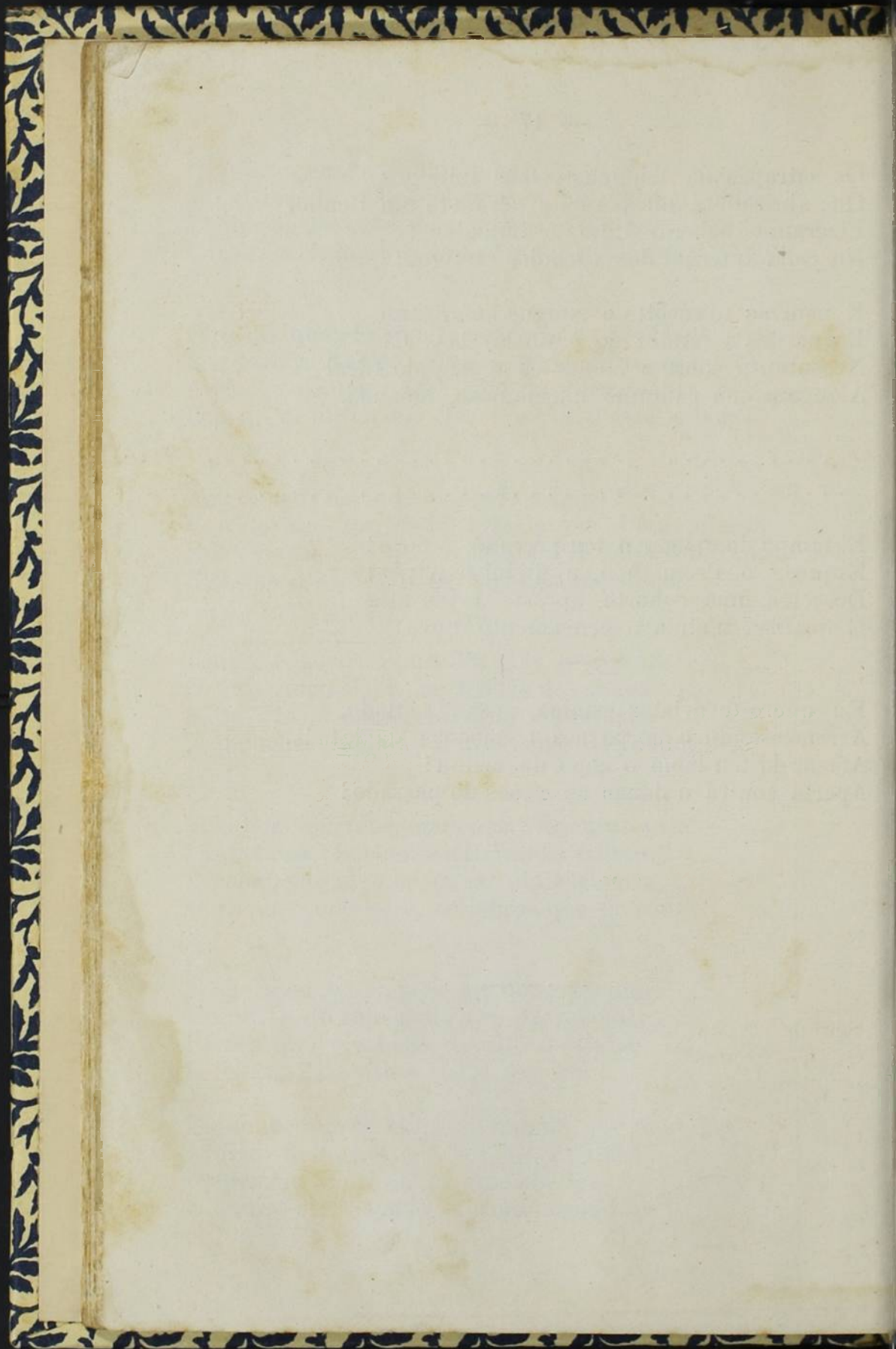
E nem se te revolta o sangue americano
E guardas a mudez do ennucho bestial!
No entanto sobre o monte as aguias do Ideal
Alongam seu caminho harmonioso, insano...

.....
.....

E' tempo de apagar o teu peccado, ó povo!
Esquece o Prometheu, e diviniza Attila!
Descerra uma cohorte, apresta a tua filla
E fortifica n'alma o pensamento novo!

Eu quero te avistar estoico, ensanguentado,
Arremessando o corpo aos tremedaes da luta!...
Afasta do teu labio o copo da cicuta!
Aperta contra o flanco as c'rôas do passado!

.....



A SECCA

Lançai o olhar em torno...
Arde a terra abrazada
Debaixo da candente abobada d'un forno!

GUERRA JUNQUEIRO.

Ha desertos terriveis, flagellados
Por um sol implacavel. Vastos mares
De areia movediça se desdobram
Até perder-se além nos horisontes.
Nem uma gota d'agua nesses ermos!
A noite lhes negou seu fresco orvalho
E as chuvas do verão fugir parecem
A' seu horrído aspecto...

FAGUNDES VARELLA.

Senhor! A natureza as vezes é madraستا.
Quando a raiva lhe vem pega d'uma vergasta,
D'um elemento seu, e vai matar o paria
Na vertigem febril da furia incendiaria!
Por isso é que passou além um vendaval
Cheio de morte e luz, cheio de treva e mal,
E da rubra chapada ao torrido terreno
O ar que se respira é feito de veneno...

Aprofundai o olhar no seio d'um sertão.
E' um exemplo brutal que esmaga o coração:

Na morbida nudez da esphera afoqueada
Que luz como uma braza e fere como a espada
Escuta-se um rumor pesado, lancinante...
De vez em quando passa o bando ruminante
Dos escravos servis da gleba da miseria,
E sente-se ondular uma tristeza funerea
Extranha, dissoluta, impavida, infinita,
Ao som de cada pranto, ao som de cada grita!
As aldeias estão como sepulchros vivos.
Em roda vê-se a dôr --- a larva dessa valla
Erguer-se e rastejar com gestos afflictivos....
No meio do estertor da vida que se estala
O espaço empedernio-se!

Os fogos tropicaes
Embebem-se no solo assim como os punhaes.
A luz meridiana em curvaturas quentes
Espalha pela terra uns tons encandescentes
Que têm scintillações mortíferas, nervosas.
A enorme rispidez das serras luminosas
Está como um protesto irado de granito
Alçado no deserto á sanha do infinito!
Os raios do Equador, os grandes raios brancos
Sahiram como sahe a cascavel dos troncos
E andaram tonsurando a varzea, os campinaes...

Não saltam mais da terra as seivas vegetaes!
Por toda a parte a morte estende-se, Senhor
Como a photographia esqualida do horror!

Olhai! Vai perpassando um grupo lazarento
Roto como um andrajo, negro como um lamento!
A ruiva solidão da silenciosa estrada
Tem um riso de hyena e traços de agonia...

Referve a calidez. As pedras da explanada
Escondem no areial uma feição sombria!
E os queimados aldeões, os parias vão andando
Cadaverosos, nús...

 Talvez que recordando
O tempo que se foi, a quadra da fátura
Quando havia um painel de rustica ventura
Em cada coração de rude sertanejo,
E havia cada flôr que parecia um beijo
No pavido rosal pueril da virgindade!

Caminham sem cessar --- Atroz fatalidade
Incita-os á seguir, como um chicote em fogo,
E não attende ao choro, e não attende ao rogo!
Arrastam-se na poeira estrangulados quasi
Pelos pulsos da dôr na derradeira phase.
Os paes vão estancando as lagrimas dos filhos
Co'os cardos da deveza e dos luzentes trilhos,
E ás supplicas das mães, e ás preces das crianças
Juntam pragas fataes, agudas como lanças!
Reparai bem, Senhor! Os tabidos montões
Dos corpos sem calor, dos podres esquelettos
Estão servindo agora ás sordidas paixões
De abutres sensuaes, carnivoros e pretos...

E os leitos que elles têm --- os pobres foragidos
São esses estendaes de carne, apodrecidos!

E' mais escuro então que a lenda de Ashavero
Esse supplicio crú, ensanguentado e fero!

E é tanto mais cruel, Senhor, que o polvo --- a fome
Enlaça-lhes o ser em contorsões sem nome!

Os cyclones da morte, os cyclones do horror
Lançaram certamente o busto atterrador
Por sobre este local, por sobre este torrão!
O bravio corsel infrene do tufão
Arrastou por aqui a pata impetuosa.

As arvores, o rio, a fonte murmurosa
Os passaros, a grei dos rijos animaes
Que tinham seus trabalhos, grandes, racionaes,
E que eram complemento aos lares do matuto,
Desertaram tambem do circulo polluto
Onde viram tombar os laivos da desgraça,
E foram se atirar como infamada raça
Ao fundo sepulchral dos perfidos barrancos
Que deram-lhes por cova as pedras de seus flancos!

E assim tudo ruiu no immenso cataclysmo!
Desde a ponta do monte ao vortice do abysmo,
Desde a antiga cabana até onde houve prado
Avista-se sómente o chão incinerado
Escancarando o rosto estolido, ruim...

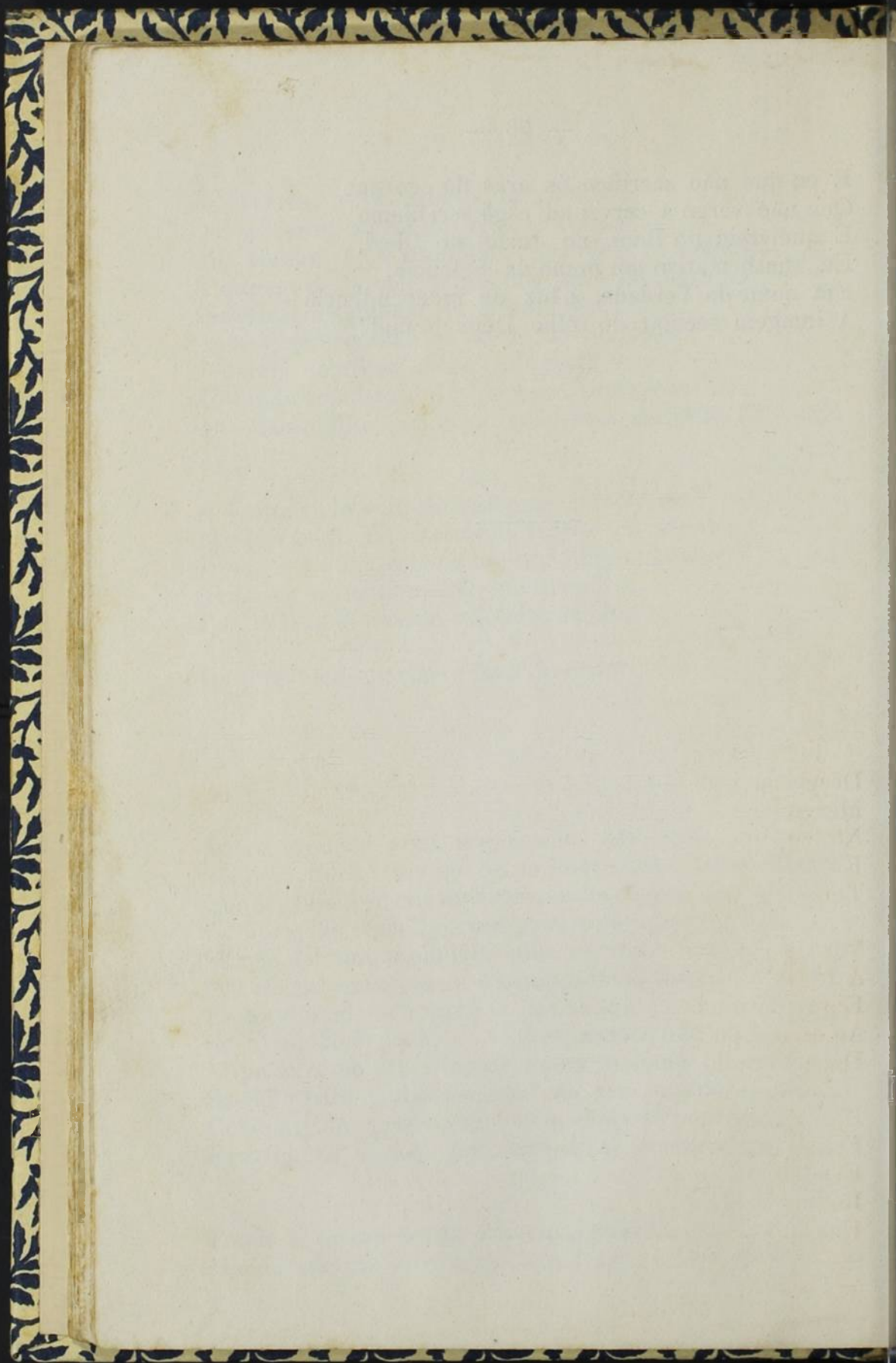
Deve ter sido assim a face de Caim!

* * *

Agora erguei a vista esgazeada. Ouvi-me:
Senhor! Se foi castigo ou se houve um grande crime
Que levou á pregar na Cruz do desespero
Os filhos do trabalho, um povo todo inteiro;
Se não foi um producto, uma rev'lução fatal
Da eterna natureza --- a sempre maternal
Essa calamidade insana e pavorosa;
Se o rabido Jeovah, --- o Jove moribundo
N'um accesso sem fim de colera invejosa
Sacudio para cá das sombras do seu mundo,
Como andam propalando os mochos do papado,
Essa chuva de fogo em troco d'um peccado...

Então a execração da livre humanidade
Ha de ser um phantasma em frente á Divindade!

E eu que não sacrifico ás aras do egoismo
Que não vergo a cerviz ao cêgo servilismo
E que creio no Bem, no Justo, no Ideal,
Eu anathematiso em nome da Sciencia,
Em nome da Verdade, á luz da independencia
A imagem secular do velho Deus do mal!



GUERRA DO SECULO

Ao amigo e poeta Leovigildo Samuel da Silva Costa

O poeta é como o sol : o fogo que elle encerra
E' quem espalha a luz nessa amplidão sonora !
Queimemo-nos á nós illuminando a terra ;
Somos a lava, e a lava é quem produz a aurora.

GUERRA JUNQUEIRO.

Desperta, pensador! As orbitas dos mundos
Mergulham-se na luz que brota do levante,
No fogo que concebe os ideaes profundos!...
E o ruivo meteoro --- a evolução gigante
Tem risos de crystal --- os risos bons, fecundos!

Vai deixando na terra os sulcos da charrúa
A Idea, a idéa nova --- o Etna candente!
E vai deixando a treva exposta, fria e nua
Ao osculo polluto e flaccido e mordente
Da sombra do passado estatelada e crua!

Um grande magnetismo azuleo, jovial,
Feliz como a creança e forte como o aço,
Estende no horisonte um hymno ethereal,
Rosado como a flôr, sonoro como o espaço,
Ensanguentando a face anemica do mal!

Mas vem a reacção com a raiva leonina!...
As letras, o futuro, as glórias, o trabalho,
Obriga-os á fugir o pó de uma batina
Que rugue, como a forja ao manejar do malho
No templo que ella odeia ---'splendida officina!

E a luta é lampejante! O Bem, a Liberdade,
Os lumes da sciencia, as flôres da razão
Encontram no caminho a sordida maldade,
A vil hypocrisia, a negra maldição
Da c'rôa e da thiara --- algozes da verdade!

E então pelos degráos da camara papal
Embriagada vê-se a pallida Justiça;
Emquanto a messalina --- a purpura real
Asphyxia o Direito, ouvindo mesmo a missa,
E compra, dando esmola, o rir de Juvenal!

E' arena gigante aberta aos gladiadores
Todo o infinito azul que abraça globo e globo!...
E ao pé dos pharizeus que andam plantando dores
Do pólo norte ao sul, passa brincando o bôbo
Curvo como um alphange e vil como os pretores!

Vamos ao chão da liça! Erguei-vos, corações
Cujos sangue é de lava e vos chamais poetas!...
Aprendei a servir de ninho ás gerações
Que sabem meditar o verbo dos prophetas
E contam do progresso as ferreas pulsações.

Desdobrai pelo ar vossas enormes almas
Feitas de muito fogo e feitas de harmonia!
Vós deveis procurar do Capitolio as palmas
Nas entranhas do povo --- a região sem dia
Que não conhece aurora e tem tristezas calmas!

Faz-se mister que além dos langues trovadores
De lyra modulada ao vento das paixões,

Hajam Titães de bronze, ousados lutadores
Que batam-se do se'lo aos vividos clarões
Em nome da Justiça, em prol dos soffredores !

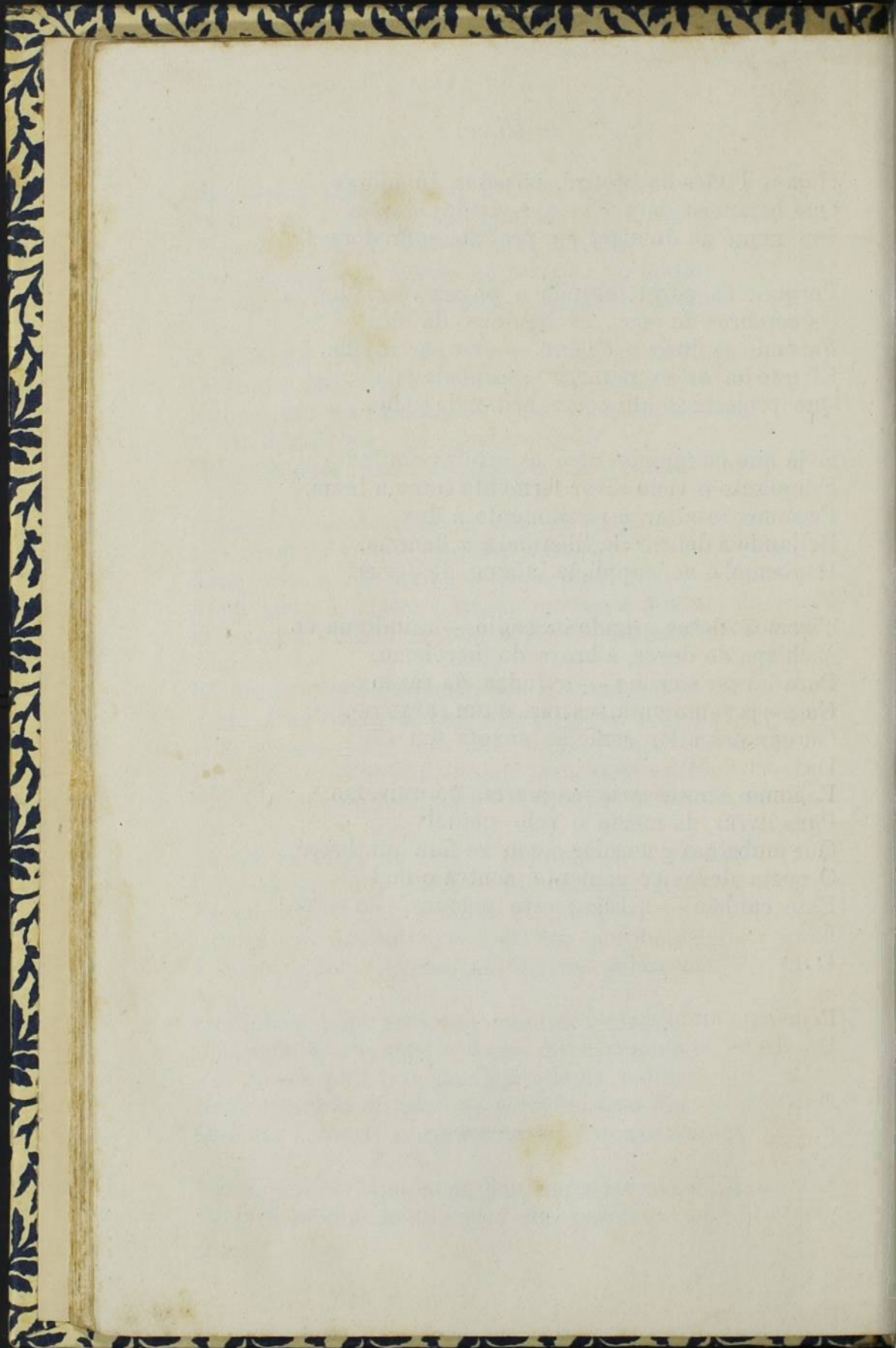
Porque; só se attrahindo á pugna vermelha
Os cerebros de ouro, as laminas da idéa,
Fazendo-se florir o ensino --- essa scentelha,
E' que ha de se matar a escuridade feia
Que projecta-se ahi como hedionda velha.

E já que os mundos têm as orbitas em luz
Emquanto o vicio alvar fermenta como a lama,
Façamos resaltar o pensamento á flux
Beijando á delirar da liberdade a flamma,
Roubemol-o ao supplicio infame de Jesus !

Tiremos desse grande incendio --- a indignação
A chispa do dever, a braza do heroismo,
Para lançar o crime --- o Judas da razão
Na gorja famulenta, escura d'um abysmo,
Ou enxotar a fé, como se enxota um cão !

E como é necessaria a guerra no universo
Para livrar da morte o raio genial
Que embala o pensador como se fóra um berço,
O poeta deve ter somente contra o mal
Este canhão --- a Idéa; este pelouro --- o verso !

.....



ECHO DOS TROPICOS

Ao amigo Francisco Carneiro Rodrigues Campello

Era uma tarde azul, esplendida e sonora
Como um sonho de amor, ou musica que chora ;

O ar --- oceano ethereo --- arfava brandamente
Como um seio de moça em flaccidez dormente ;

Das orlas do horisonte os aloirados nimbos
Pendiam, como a flôr dos madidos corymbos,

E o sol mandava a luz cortante como espadas
Beijar o ventre á terra em crispações doiradas....

Era uma tarde assim : garrula, americana
D'uma alegria fulva, indefnida, insana !

Pejavam 'amplidão de scintillantes faustos
Do Deus --- a natureza --- os fecundantes haustos ;

Da serra ao pedregulho, e da palmeira á gramma
Parecia saltar a poesia em chamma,

E o campo abria os braços hirtos ás enxadas
Qual mãe que abrisse o peito ás filhas esfaimadas !

Tinha delirio a sombra, a luz tinha expansões
Alli na face adusta e rija dos sertões....

Borbulhava o viver ahi, onde o Calvario
Levanta-se p'ra o Christo --- o rustico operario!

Perdia-se no espaço em maviás espiraes
O callido vapor dos climas tropicaes,

E a tarde semelhava a indigena que á sesta
Se vinha recreiar na rede da floresta.

Tanto era grande o quadro, a natureza virgem,
Que o vento era condor, e o céu tinha vertigem!

Mas faltava no quadro a plastica suprema
Dessa belleza agreste e livre de Iracema,

Faltava-lhe o sorrir da dryade eloquente
Que fallasse aos heruaes e ás perlas da torrente;

Vinha porém silvando entre os frechaes da cana
O corpo amorenado e langue da serrana....

Uma ondulações selvaticas, escuras,
Como as que o pó sacode á noite nas planuras
Quando a semente brota ao magro camponez,
Pareciam lamber o corpo da matuta,
Iam de quando em vez
Deitar-se-lhe no seio, assim como na gruta.

Andava-se esgueirando o fluido dos campos,
Grande como o que é bom, magnifico, subtil;
E o crepuse'lo atirava ao matto pyrilampos
Para irem marchando em batalhão gazil

A' tasca dos paúes
Comprar phosphorecencia e diffundir a luz!

Ella bebia á tragos

Essa corrente immensa, electrica, expansiva
Como quem sorve esse suor, que em bagos
Mana dos póros nús da noite pensativa!

O aroma da baunilha

Não deixava no espaço o philtro que corria,
Da cabelleira negra e basta dessa filha
Do valle e da montanha em mascula harmonia!

Feliz o coração

Que soubesse apertar nas roscas da paixão
O ambar desse perfil, o ser da brasileira,
Com o fundo amor do sol que banha a cordilheira!

Ella porém amava

Apenas com a su'alma ardente de Moema
A claridade branca e leve que voava,
Do seixo do terreiro a lapidada gemma,

E e dorso da gazella

Que corria e brincava tanto quanto ella!

Os frescos tons gracios da tez dessa menina,
Flexiveis como o hastil da rosa da campina,

Eram tão joviaes,

Que avistando-lhe a forma ao longe, os taquaraes

Davam risadas loucas,

E abriam pela encosta as viridentes boccas!

Emquanto houve reflexo azul pelo horisonte

A serrana fallou com as arvores do monte.

Depois... ao desbotar do dia no occidente

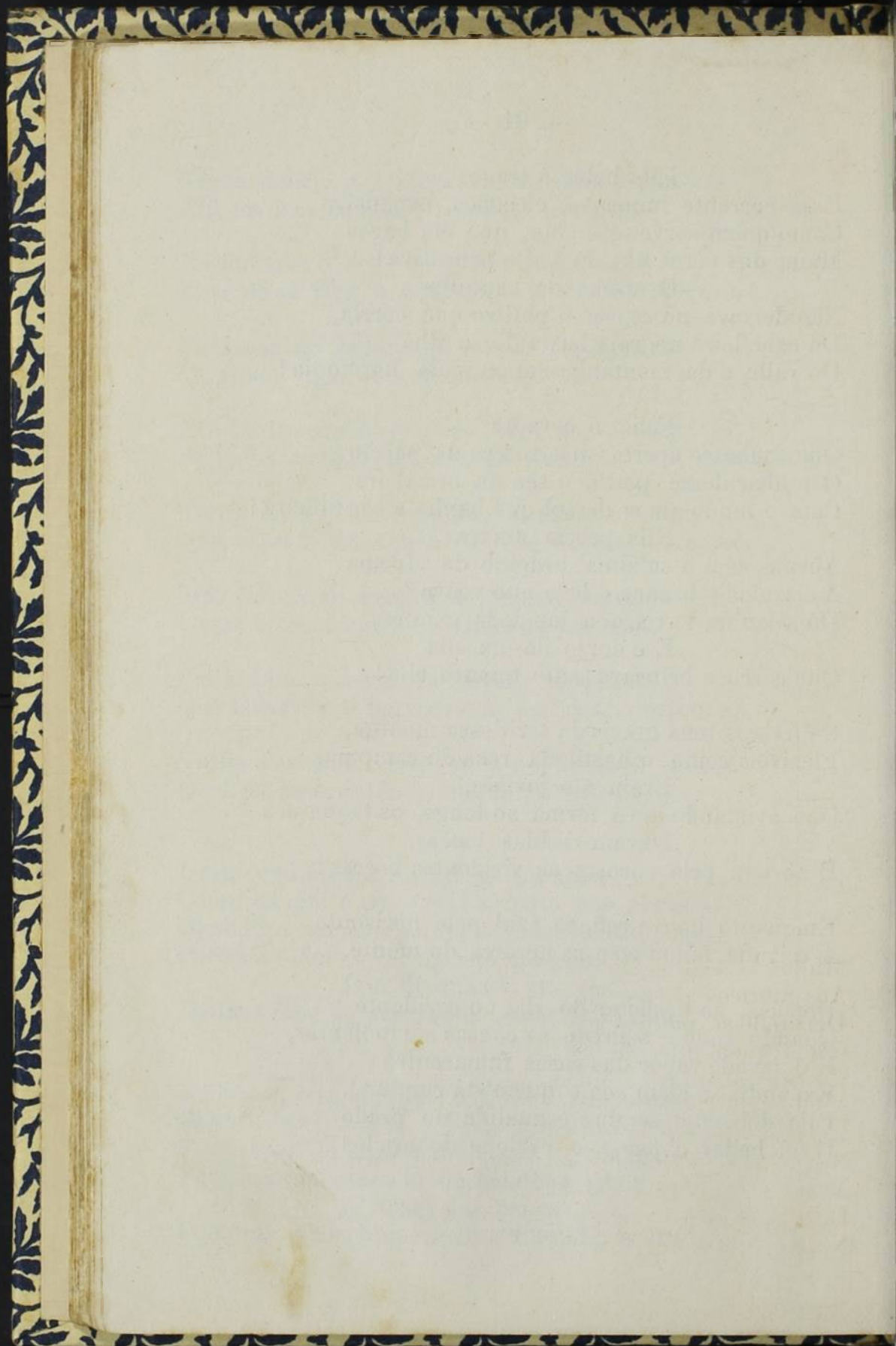
Quando tudo é segredo as cousas somnolentas,

E o lavado vapor das casas fumarentas

Expandia-se além como quem'stá contente,

Ella deixou a sombra esqualida do prado

E foi beijar o pae --- o cyclope do arado!



A POESIA ANTIGA

Ao amigo e poeta Honorio Monteiro

O romantismo sombrio
morreu a noite passada;
expirou como um vadio
n'um catre d'agua furtada.

G. J.

Eu conheci de perto a triste muza antiga....

Muitas vezes a vi chorando uma cantiga
Aos lubricos portaes das perfidas Ninons,
Deixando-se morder aos dentes do desejo
Como quem quer morrer tragando sensações!
Era um phantasma quasi. Agora mesmo a vejo
Atravessar a praça, estúpida, sombria,
Deixando germinar a flôr da hypocondria
Naquelle seio vil como um montão de estrume,
Aonde se talhára a rabida caverna
Do que é negro e que é máo, do tédio e do ciume
N'uma luta voraz, estrepitante, eterna!

Quando ella se mostrava em seu delirio errante
Com a graça d'uma flôr e os vicios d'um tunante
Crivados no perfil, como adereços bons,
Parece que se ouvia uns labios bestiaes
Soprando umas canções
Estridulas, fataes

Na vasta limpidez do radioso espaço !
O pallido fulgir do seu olhar devasso
Abria-se na luz como um espelho enorme ;
E via-se atravez desse crystal informe
A immensa hediondez de um'alma espedaçada.
Biliosa, febril, doente, ensanguentada !

Era o lyrismô azul que dava a inspiração
E havia o mysticismo em cada coração !

Um instincto sensual, ruim, destruidor,
Uma nevrose forte, uma explosão de amor,
A syphilis do corpo e a syphilis da alma
Bastavam p'ra collar a luminosa palma
Da filha do Ideal --- a rubida poesia
Sobre a face venal de muita frente esguia !

E então essa mulher, a *muza*, o sentimento
Fina como o luar, dura como um tormento,
Andava pela rua, andava pelos peitos ;
E fazia pulsar aos comicos tregeitos
De seu tom libertino
O largo coração alegre, pequenino
Das Ophelias do lar,
Que têm dentro de si um perfumado altar...

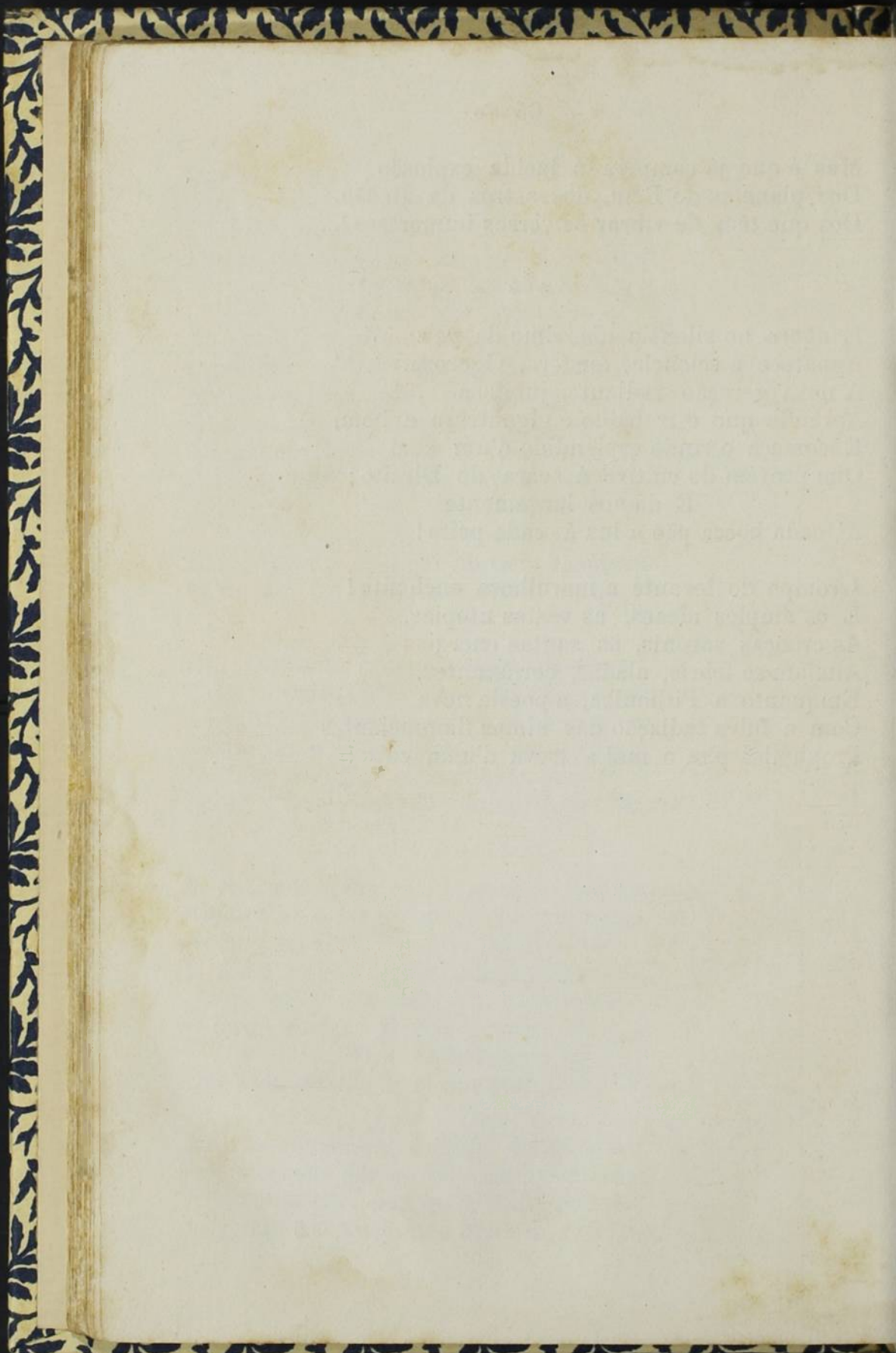
.....
Felizmente porém, comida da anemia
Gastada pela dôr no vago do hysterismo,
Ella cahio p'ra sempre a velha poesia
Legando-nos somente o travo do cynismo !

Mas é que já rompera a lucida explosão
Dos planetas do Bem, dos astros da Razão,
Dos que têm de vibrar os versos immortaes !...

* * *

E agora no silencio uberrimo da paz
Apparece a sciencia, austera, vigorosa.
A nova geração radiante, jubilosa
Aprende que o trabalho é gigantesco e bom,
E começa o ruido esplendido d'um som
Que provem do cultivo á seára do Direito ;
E dá-nos largamente
A' cada bocca pão a luz á cada peito !

Irrompe do levante a marulhosa enchente !
E os amplos ideaes, as vastas utopias,
As crenças varonis, as santas energias
Alteiam-se febrís, aladas, coruscantes,
Emquanto a Pithoniza, a poesia nova
Com a fulva radiação das almas flammejantes
Prophetisa p'ra o mal a treva d'uma cova !



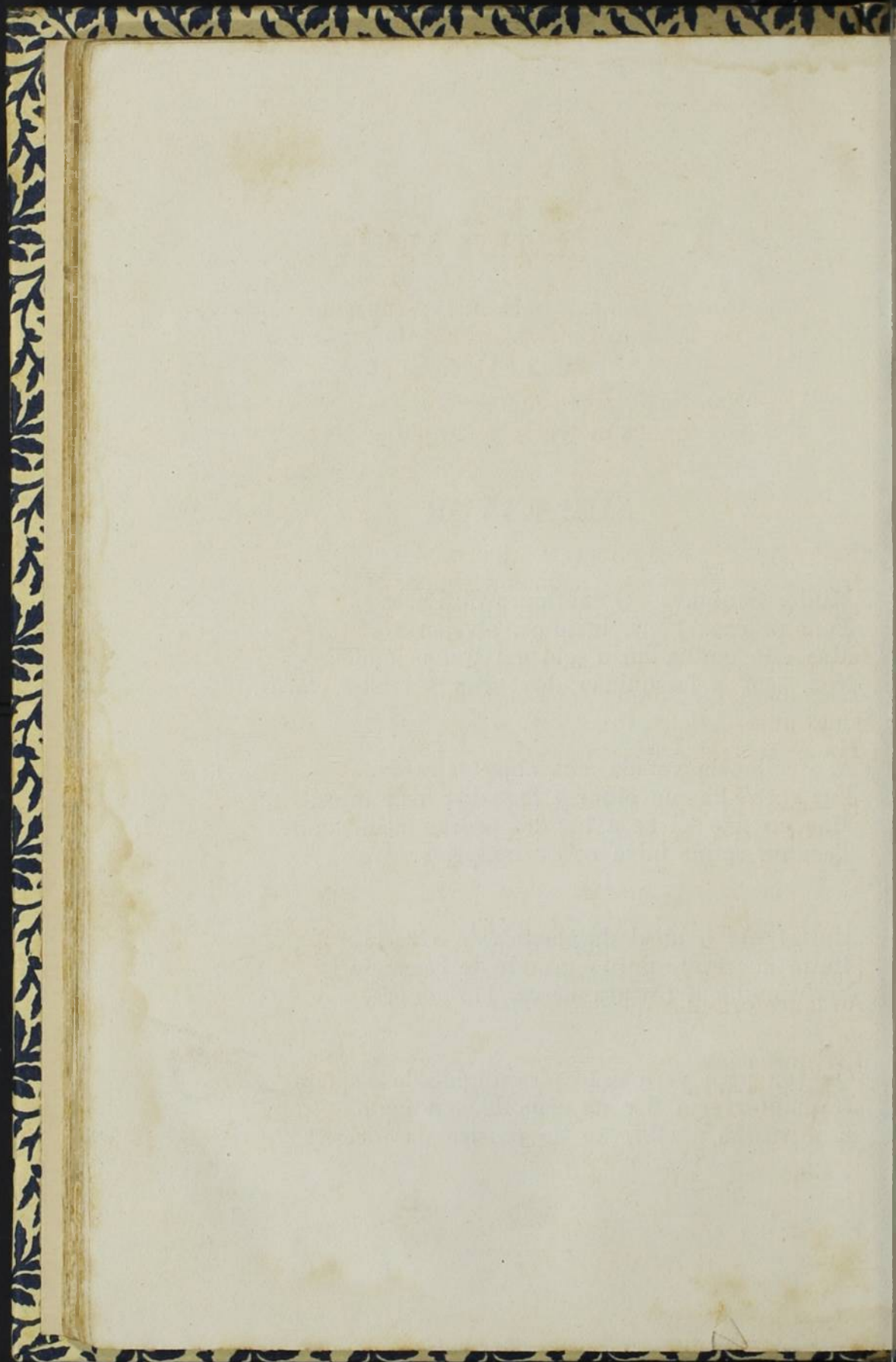
UM FAVOR

Minha Senhora. O marmore de Paros
Tem reflexos bons, luzidios, alvejantes.
Mas não ganha-lhe o seio em linhas ondeantes
Nem tem a fresquidão dos seus sorrisos claros.

A excellencia votada aos objectos raros
Faz ver-se-lhe no olhar o fogo dos brilhantes.
Mas eu não sei se a luz das pedras scintillantes
Têm na retina fulva esses lampejos caros...

Entretanto o ideal da plastica da Grecia
Junto ao recato puro e grande de Lucrecia
Fizeram-lhe a textura aerea, tão sonora,

Que eu peço permissão p'ra unguido de respeito
Ir plantar esta flôr na urna de seu peito.
E ouvir-lhe a vibração da musica da aurora!



A. DE CASTRO ALVES

Genio! Genio! Inda mais; supremo esforço
Da mão de Deus no ardor do entusiasmo!

A. P. MACIEL MONTEIRO.

Não; não morreste não, condor brasileiro
Que nunca morrerão teus puros versos!

NARCIZA AMALIA.

Sabes quem foi o homérico gigante
Que se rojou no chão daquela campã,
Qual o condor que farto das alturas
Adormeceu nos matagaes do pampa?
Silencio pois! Ess'alma lapidada,
Esse diamante immerso na poeira,
Qual uma gemma do collar dos seculos
Ha de rolar dos sec'los pela esteira!

E rolará de certo! O craneo vasto
--- Amphora aberta aos lumes d'amplidão ---
Que fez brotar « espumas fluctuantes »
Como perlas, do mar da inspiração,
Não pode ser do barro do sepulchro
--- Carcere humilde que não prende Hugôs,
Quando esses Deuses são trophéos que a terra
Ao louco orgulho do infinito oppoz!

Era um poeta esse mancebo. Ergueu-se
Como a espiral do vento do deserto,
Quando cospe a saliva das areias
No dorso nú do beduino incerto!
E sacudindo aos seios do universo
Os luminosos cantos do porvir
Enfestionou com os louros do talento
A face azul do rapido existir!

O sorvedoiro enorme das idéas
Esbatia-se alli naquelle peito,
Bem como o turbilhão de « Paulo Affonso »
Bate nas rochas pallido, desfeito!
E como as espadanas crystalinas
Da catadupa immensa no fracasso,
Assim da frente, aureolada, jovem
Saltou das melodias o estilhaço!

Foi grande como a luz! A liberdade
Era-lhe um templo esplendoroso, extenso,
Onde cantava o orgam da esperanza
Onde resava o Ideal suspenso...
E ao distillar do choro dos « escravos »
Serpejando na treva da tristeza,
Pareciam punhaes as suas rimas
Que porejavam tons de Marselheza!

Elle amou e sentiu... Mas não deixava
Da nova lei os santos arraiaes!
Byron tambem aos beijos da Princeza
Ouviu da Grecia os soluçantes ais.
Quando os dedos de fogo do progresso
Deslaçavam as sylvas do caminho
Do perfumoso collo das Haydeas
Aguia da luta --- elle fugia ao ninho!...

Silencio pois deante dessa tumba
Que representa um auto do futuro!
E nem ao menos a miseria de hoje
Roe os degrãos desse alcaçar escuro...
Que o vulto ingente decomposto nelle
Deixou morrendo no troar da gloria
« Após um nome do universo n'alma
Um nome escripto no Pantheon da historia! »

POSITIVISTA

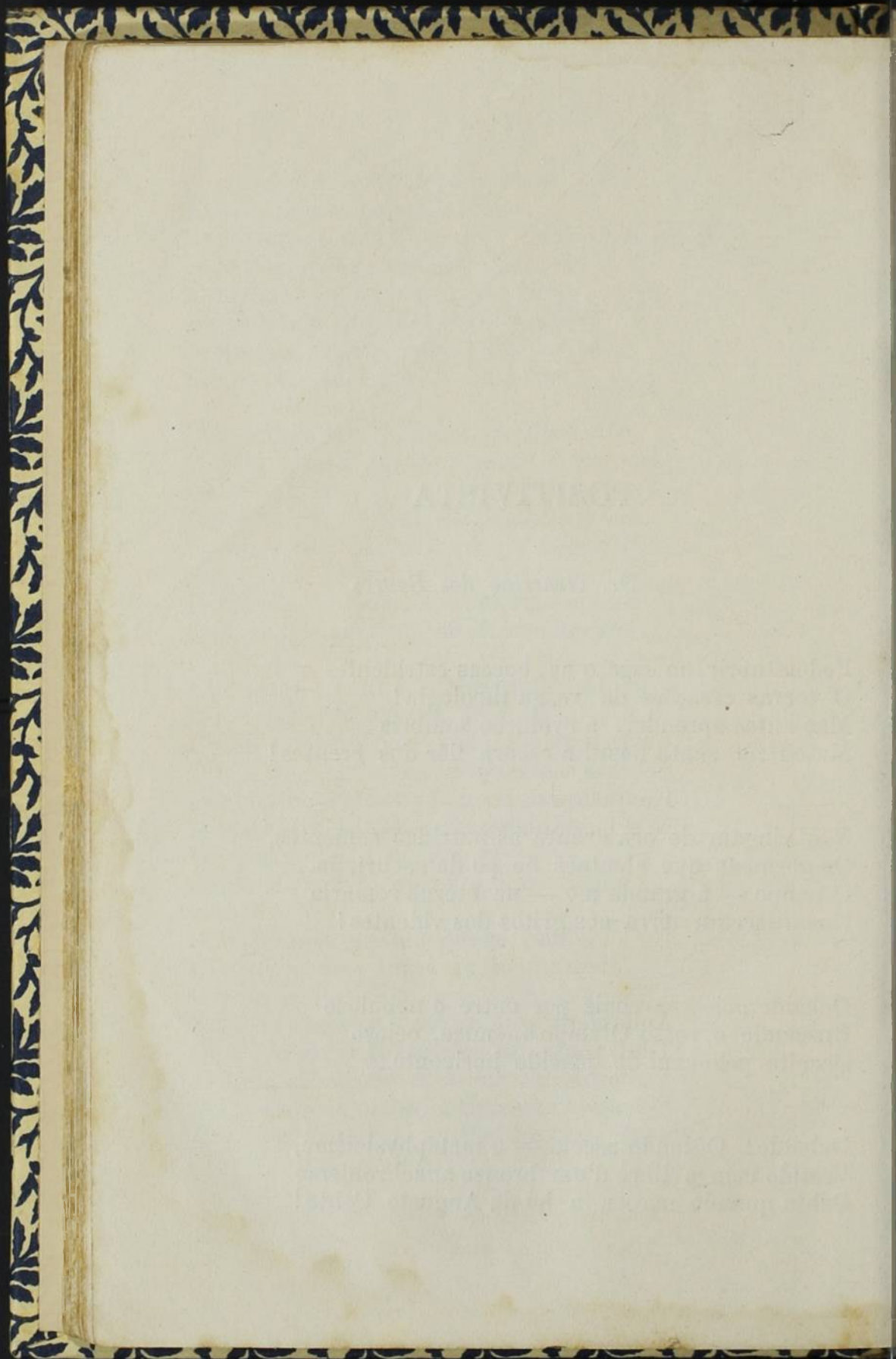
Ao Dr. Generino dos Santos

Podeis abrir no espaço as boccas estridentes
O' torvas creações da vesga theologia!
Mas antes aprendei: a evolução sombria
Matou no santo hastil a escura flôr dos crentes!

Não vingam de ora avante as putridas sementes,
Os germens que alentaes no pó da sachristia.
O tempo ---- a grande mó ---- na eterna romaria
Ensurdeceu a terra aos gritos dos videntes!

Debalde pois marchais por entre o nebuloso
Buscando o vosso Olympo anemico, ocioso
Occulto pelo azul do placido horizonte....

Debalde! O doudo asceta ---- o metaphysicismo,
Vestido com a libré d'um bronco anachronismo
Cahi quando nasceu a lei de Augusto Conte!



AO AR LIVRE

O' minha amante, ó Muza,
Inclina-te p'ra mim;
A noite está confusa
Bem como um sonho ruim...

Curva o seio teu de opala
Sobre o aço de meu peito;
Emquanto o arvoredo falla
Nós buscaremos um leito.

Ha uns tremulos vagidos
Aqui, nesta solidão:
Eu acho que são gemidos
Da materia em gestação.

Anda depressa! O teu braço
Tem sensações maviosas,
Vamos dormir neste paço
Feito de comas frondosas.

O vento vibra apressado
Umás notas exquisitas,
Fazendo ao manto do prado
Umás ligeiras visitas...

Parece que andam gnomos
Enchendo esta fvastidão,
E a treva fazendo momos
Dorme, estirada no chão!

.....

.....
Mas tu sabes: nós gozamos
Com estas scintillações;
Accende o teu peito, e vamos
Rivalisar em clarões!

NO CAMPO

Ao amigo e poeta Gaspar Regueira Costa

O' bosque! Abre-me os braços, rijos, musculosos,
D'onde escorre a resina em bagos sanguinosos
Como o suor que cahe do corpo d'um gigante!

Eu vim me embebedar, alegre qual Bacchante,
Com o vinho que tu tens nas dornas do teu seio!

A immensa robustez que traz-te o corpo cheio
Das orgias da luz, das florações da vida,
A athletica expansão dess'alma enriquecida
Que lava-te o perfil n'um banho esmeraldino,
Um banho sensual, esplendido, divino,
Replecto de prazer, replecto de saude;
Essa explosão de força exuberante, rude
Que rebenta de ti como rebenta o chão
Quando o estertor sacode os peitos do vulcão,
E que faz do teu ser um palacio encantado,
Um palacio de seiva, oriental, doirado
Pelo genio do sol --- o Rubens do infinito;
'Todo esse fermentar cyclopico, ruidoso
Grande como o Ideal, possante como um grito,
Que tu sentes bater no teu ventre orvalhado
--- A flôr, a luz, a seiva, o espaço immaculado...

Tudo isso descerrou-me as cem boccas do gozo!

Eu vivia lá fora insupportavelmente
No murmur da cidade entrecortado e quente
Peiado pelo *spleen*, mordido pelo tédio.
Atolava-me então na pacatez doentia
D'um conego sem côr, engordurado e nedio...

Mas aquelle que vive assim como eu vivia
Nas modernas Babeis chamadas capitaes,
Que são feitas de cal e feitas de gangrenas
De purpuras de aurora e halitos de hyenas;
Aquelle que tem visto as lutas colossaes
Do rabido centauro --- a torva multidão
Subirem sem parar assim como um balão
Aos paramos sem fim das coleras fataes...
Oh!... esse deve ter o rubido sentir
Do amor da natureza electrico, selvagem
Que faz d'um tronco bruto um mundo de folhagem!

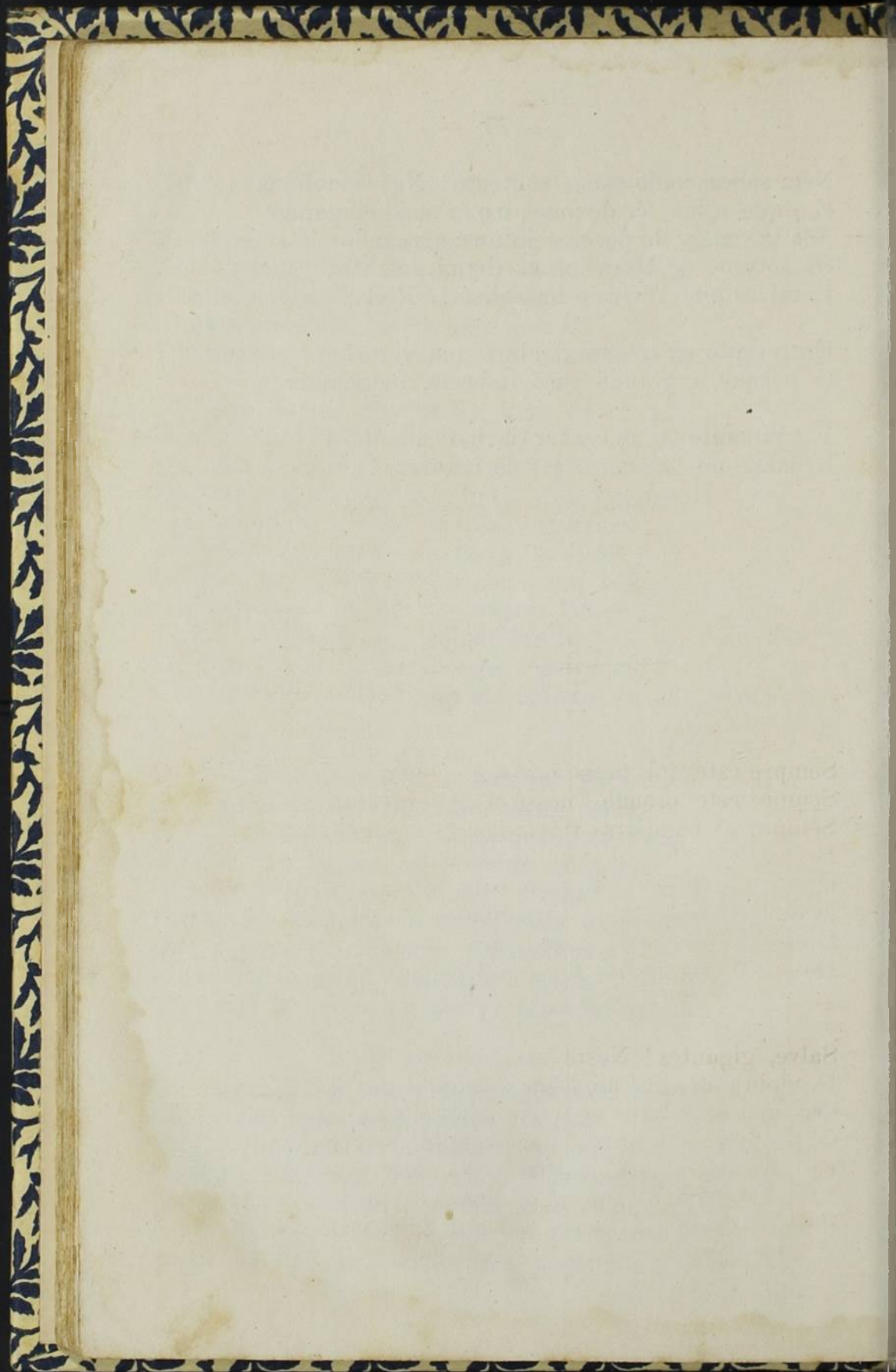
Por isso foi que eu vim, ó bosque! Para ouvir
O esturdio ramalhar da tua enorme coma,
E os ruidos de luz que beijas quando assoma
Tirando-te o barrete em cima da montanha
O sol, o grande rei, o fulgido Pachá!
E mais: para mirar a corpulencia extranha
Que mostras no teu bojo, e fructifica e dá,
N'um anceio jovial, indomito e eterno
Quer seja no verão, ou nos prantos do inverno!

Pois bem! Vai-te vestir de pompas e de flores!
Eu preciso beber os limpidos licores
Fabricados por ti de orvalhos e de mel.
No teu robusto lar, bem como n'um tonel,
Eu hei de descobrir os vinhos mais custosos,
E havemos de passar momentos preciosos
Arremedando aqui as saturnaes pagans!

Nem sabes como estou contente! Nas manhans
Em que a luz fôr de mais, e o ar'steja cantando
Nós havemos de por-nos juntos evocando
Os satyros de Horacio, as dryades gentis,
E talvez que reviva o buccolismo. Ris?...

Entretanto eu irei sorvendo o teu vigor
O' bosque, ó grande paço informe, incantador!

E enquanto eu te cantar a rustica belleza
Beijarei no teu ser o ser da natureza!



AVE!

A' Comissão Academica Emancipadora

(1878)

Gigante do porvir, ó Mocidade!
Ferguei a fronte altiva!...

D. J. G. MAGALHÃES.

Sempre este sol nesse horisonte enorme,
Sempre este oraculo nesse templo ingente!
Sempre as bandeiras desse heroe --- o moço
Beijando o ether d'amplidão ardente!
O sol, o oraculo --- a mocidade altiva...
Templo, horisonte --- a liberdade, a Déa...
E esses dous astros espadanam luzes,
Desses dous mundos ala-se a Epopea!

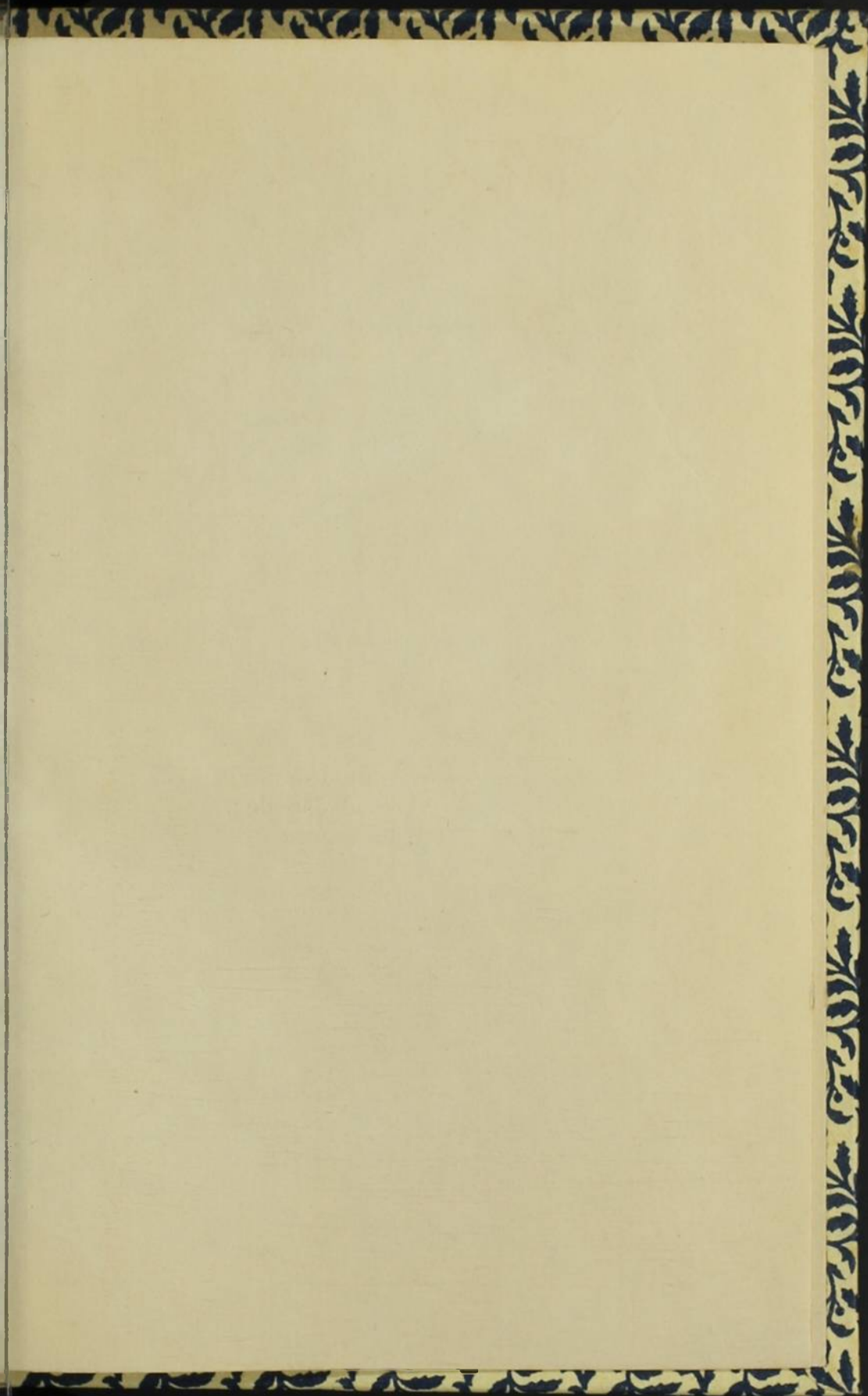
Salve, gigantes! Neste ambiente em fogo
Desdobra as azas uma idéa santa,
Que tem seus lares no universo inteiro,
Que é Deus, é tudo, e que o passado espanta!
Eu vejo um livro á espedaçar cadeias,
Vejo a egualdade á desatar algemas!...
E vós --- os moços, sobre a fronte augusta
Tendes aureolas, ostentaes diademas!

E vêde: A auréola que vos cinge o busto
Tem mais nobreza que a corôa regia.
Esta vem sempre da conquista iníqua,
Aquella nasce d'uma acção egregia!
A c'rôa d'ouro que acompanha um throno
Traz sempre o sangue a desbotar-lhe a côr!
Vosso diadema no entretanto expande
De mil auroras o iriado alvor!...

E' que vós sois os corypheus sublimes
Da marcha eterna da humanal torrente!
E' que sentis á rugitar no seio
Da independencia o vendaval fremente!
E vendo em baixo, lá no algar trevoso
O escravo exausto sob o vil açoite,
Descestes --- anjo --- p'ra lavar a infamia,
Baixastes --- raio --- p'ra espancar a noite!

Do escravo --- a cousa --- levantou-se um homem,
Do --- nada --- ergueu-se um cidadão de pé!
Lá dos sepulchros da vetusta Roma
Sente Spartacus reviver-se até!...
Salve, gigantes! Quando o sec'lo, Encélado
Legar procura á liberdade á terra,
Vós abraçais-lo, e derramais enchentes
Da viva luz que vosso peito encerra.

Deante de vós a escravidão recua,
Treme o covarde que azorruga irmãos!...
Vós --- os prophetas --- nivelaes as classes,
E o mundo livre vos oscula as mãos!
Mil vezes salve, americanos fortes
Que assim sois grandes como a propria Gloria!
Ao ver-vos nobres, condorinos, francos
A patria enferma grita aos céos: Victoria!



16133

